

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

LAURA TOYAMA CARDOSO DE SOUZA

**A COBERTURA DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024 POR VEÍCULOS
PERIFÉRICOS PAULISTANOS**

São Paulo
2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

LAURA TOYAMA CARDOSO DE SOUZA

**A COBERTURA DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024 POR VEÍCULOS
PERIFÉRICOS PAULISTANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo como requisito para a obtenção
de diploma de bacharelado em Jornalismo,
sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de
Oliveira.

São Paulo
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Professor Dennis, não só pela orientação atenciosa neste trabalho, mas por ter sido o responsável pelo meu primeiro contato com o jornalismo feito na rua, com as pessoas e a muitas mãos. O Notícias do Jardim São Remo é a primeira experiência de repórter de muitos dos jornalistas formados pela Escola de Comunicações e Artes, e onde tive a chance de publicar minha primeira história.

Agradeço a minha família, por todos os esforços para que eu pudesse estudar e por nunca terem desistido de mim. Sou hoje a concretização dos sonhos dos meus ancestrais.

Aos amigos que tive a oportunidade de conhecer ao longo da graduação, com quem dividi muitas das minhas ideias e aspirações, em especial meu amigo João Mello, minha incontestável dupla nesta e em muitas outras aventuras.

Aos amigos da gestão Cravos do Centro Acadêmico Lupe Cotrim, por terem me ensinado que as coisas construídas coletivamente são as mais importantes, por terem me indicado o caminho para as ideias que acredito hoje, e por todas as pessoas que conheci por causa delas.

Aos amigos do Atletismo, por me permitirem fazer parte de uma história em que cada um de nós deixou a sua marca, e pela oportunidade de colaborar para que esse legado viva para sempre.

Aos companheiros que tive nesses anos, mesmo os que agora estão distantes, pois se eu voltasse para mudar o que eu fiz, eu nada seria. Sou resultado das pessoas que eu amei.

“É que o Zé do Caroço trabalha
O Zé do Caroço batalha
E que malha o preço da feira
E na hora em que a televisão brasileira
Distrai toda gente com a sua novela
É que o Zé põe a boca no mundo
Que faz um discurso profundo
Ele quer ver o bem da favela
Está nascendo um novo líder”
(Leci Brandão, 1974)

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a cobertura jornalística eleitoral feita por três veículos de comunicação periféricos, na cidade de São Paulo, para compreender as implicações sociais e políticas de dar destaque às narrativas de interesse das populações periféricas no espaço urbano. Foram escolhidos como objetos de estudo as iniciativas *Agência Mural*, *Periferia em Movimento* e *Nós, Mulheres da Periferia*, todas de caráter independente, local, colaborativo e voltados para a comunicação hiperlocal e de território. A análise, de caráter qualitativo, tem como objetivo relacionar a influência do valor-notícia da proximidade aos assuntos escolhidos para serem abordados de forma mais recorrente nas coberturas durante o período eleitoral, bem como mapear características comuns entre as iniciativas que permitem enquadrá-las como expoentes do chamado jornalismo periférico. Este trabalho também tem como finalidade destacar a importância da existência desses veículos para suprir as lacunas de cobertura jornalística deixadas por veículos de comunicação hegemônicos, que não voltam sua atenção para regiões mais afastadas do centro da cidade ou o fazem de forma estereotipada. Conclui-se que a produção jornalística feita por *sujeitas* e *sujeitos periféricos* é emancipatória ao promover debates sobre sua própria realidade, como uma forma de reafirmação de suas identidades e de reivindicação, através do jornalismo, de suas principais demandas.

Palavras-chave: Jornalismo periférico; Periferia; Sujeitas e sujeitos periféricos; Cobertura eleitoral; Eleições municipais.

ABSTRACT

This research aims to analyze the electoral journalistic coverage provided by three peripheral media outlets in São Paulo, in order to understand the social and political implications of highlighting narratives of interest to peripheral populations within urban spaces. The selected case studies are the initiatives *Agência Mural*, *Periferia em Movimento*, and *Nós, Mulheres da Periferia*, all of which are characterized as independent, local, collaborative, and focused on hyperlocal and territorial communication. The analysis, of a qualitative nature, seeks to establish a relationship between the news value of proximity and the topics that were most frequently addressed in the coverage during the electoral period, as well as to map common characteristics shared by these initiatives that allow them to be framed as representatives of so-called peripheral journalism. This work also aims to underscore the importance of these media outlets in filling the gaps left by hegemonic media organizations, which either neglect or stereotype the coverage of regions located farther from the city center. The conclusion drawn is that journalistic production by peripheral individuals is emancipatory, as it fosters debates about their own realities, serving as a means of reaffirming their identities and, through journalism, advocating for their most important demands.

Keywords: Peripheral journalism; Periphery; Peripheral subjects; Electoral news coverage; Municipal elections.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos distritos da cidade de São Paulo que contam com a presença de um correspondente da Agência Mural

Figura 2 - Gráfico com a quantidade de conteúdos publicados sobre as eleições, divididos por veículo

Figura 3 - Quantidade de conteúdos publicados por tema

Figura 4 - Temas abordados pela cobertura eleitoral da Periferia em Movimento em números

Figura 5 - Temas abordados pela cobertura eleitoral da Agência Mural em números

Figura 6 - Temas abordados pela cobertura eleitoral do Nós, Mulheres da Periferia em números

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONCEITUANDO O JORNALISMO PERIFÉRICO.....	12
2.1 Periferia.....	12
2.2 Sujeitas e sujeitos periféricos.....	15
2.3 Jornalismo periférico.....	17
2.3.1 Alternativo.....	19
2.3.2 Popular e comunitário.....	21
2.3.4 Hiperlocal.....	22
2.3.5 Jornalismo emancipatório e a interseccionalidade.....	23
2.3.5.1 Interseccionalidade no jornalismo periférico.....	26
3. OBJETOS DE ANÁLISE E VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO PERIFÉRICO.....	30
3.1 Valores-notícia no jornalismo periférico.....	30
3.1.1 Os valores de proximidade e relevância.....	31
3.1.2 O critério contextual da disponibilidade.....	33
3.2 Desertos de notícia.....	34
3.3 Periferia em Movimento.....	36
3.3.1 Estrutura e organização.....	37
3.4 Agência Mural.....	38
3.4.1 Estrutura organizacional, projetos e editorias.....	40
3.4.2 Especial Sem Notícias - Caso de Pirapora do Bom Jesus.....	42
3.5 Nós, Mulheres da Periferia.....	44
3.5.1 Organização e produção.....	45
4. COBERTURA DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024.....	46

4.1 Metodologia de análise das coberturas.....	46
4.2 Análise dos conteúdos mapeados.....	47
4.2.1 Cobertura eleitoral da Periferia em Movimento.....	50
4.2.2 Cobertura eleitoral da Agência Mural.....	53
4.2.3 Cobertura eleitoral do Nós, Mulheres da Periferia.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

As eleições municipais requerem do jornalismo uma maior atenção a acontecimentos de natureza local. A preocupação com coberturas jornalísticas globalizantes dá lugar a necessidade de destacar pautas com menor abrangência geográfica, mas que são igualmente potentes e podem influenciar diretamente os processos democráticos nos municípios. Parte dessa influência da imprensa no decorrer das votações acontece no momento de seleção daquilo que será noticiado ou não. Essa escolha é feita de acordo com valores sociais pré-estabelecidos, pautada pela linha editorial do jornal, seu caráter de financiamento, colaboradores e origem. O objetivo desta pesquisa é analisar de que forma as características de veículos nascidos nas periferias da cidade de São Paulo influenciam nos critérios utilizados por eles para nortear suas produções, durante o período eleitoral.

Para analisar as coberturas jornalísticas dos três veículos selecionados como objetos de pesquisa deste trabalho – *Agência Mural*, *Periferia em Movimento* e *Nós, Mulheres da Periferia* –, é preciso discorrer sobre o que é a periferia e a importância cultural do conceito para o espaço urbano. A escolha das três iniciativas se baseou em características compartilhadas entre eles, como a origem nas periferias de São Paulo, caráter colaborativo e cobertura com enfoque territorial. O entendimento de que esses territórios tidos como base das produções, definidos geograficamente como as margens de uma cidade, compartilham vivências e experiências particulares permitiu o surgimento de indivíduos atuantes nesses territórios, e expandiu o conceito para uma identidade. Esses indivíduos, as *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, são os protagonistas das narrativas captadas por um tipo de jornalismo que surgirá da necessidade de contar suas próprias histórias. O jornalismo que nasce dessa identidade compartilhada por diferentes espaços é chamado de **jornalismo periférico**, e carrega características comuns que têm como objetivo principal promover uma comunicação feita por e para as periferias. O jornalismo periférico pode ser qualificado de muitas formas, devido às suas particularidades. A produção colaborativa, a participação popular, a produção independente e ligada a interesses sociais são algumas delas. As iniciativas que se caracterizam dessa forma, em sua maioria nascidas em meados dos anos 2010 em meios digitais,

também podem ser chamadas de veículos de jornalismo alternativo, comunitário, popular e emancipatório.

É a partir da identificação dessas características que esta pesquisa se propõe a relacioná-las com os valores-notícia empregados na escolha das informações que serão veiculadas durante as eleições. Entender de que forma se organizam, quais são seus princípios ligados aos territórios e suas formas de compreender o papel do jornalismo nos processos políticos nas cidades permite constatar a importância dos veículos periféricos. Eles atuam como instrumentos democráticos, e suas produções representam uma prática emancipatória das populações às margens geográficas e sociais da organização urbana da capital paulista.

2 CONCEITUANDO O JORNALISMO PERIFÉRICO

2.1 Periferia

Para analisar o conceito de jornalismo *periférico* e sua atuação durante a cobertura das eleições municipais de 2024, é necessário conceituar o que é a periferia, quem são os sujeitos que ocupam e vivem esse espaço e de que forma são veiculadas suas narrativas. *Periferia* é um conceito em disputa (Rovida, 2020), cujo entendimento passa por transformações promovidas por agentes culturais, acadêmicos e, principalmente, pelos próprios habitantes destes territórios. Há, inclusive, a defesa por parte de alguns moradores e agentes sociais e culturais do uso de *periferias*, no plural, que é capaz de abarcar a pluralidade destes territórios.

O que se entende, em uma definição quantitativa, do que é a periferia na cidade de São Paulo são os territórios nos quais mais de 20% dos domicílios têm renda per capita de até meio salário mínimo. No Censo de 2022¹ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sob a nomenclatura de Favelas e Comunidades Urbanas, foram registradas 1.359 na capital paulista, que abrigam 15% de seus habitantes. Esses territórios apresentam características comuns como o espraiamento, precariedade de infraestruturas urbanas, dispersão populacional e distanciamento físico dos centros. A definição de periferia se sustenta, portanto, em dois principais aspectos: um elemento social, a pobreza, e um elemento geográfico, a distância. A consequência direta da distribuição desigual da renda na cidade é uma opressão territorial palpável, alicerçada na dominação das áreas de habitação das elites sobre a área de habitação dos mais pobres. No entanto, ainda se observa uma grande dificuldade de se delimitar, conceitualmente e territorialmente, o que são as periferias. O que atesta sua existência é essa segregação socioespacial intrínseca ao sistema capitalista nas grandes cidades.

Inicialmente, o conceito de periferia surgiu no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960, com significado estritamente geográfico. O termo designava qualquer lugar que tivesse como característica a distância em relação ao centro, nos quais se observava pobreza e precariedade. Em 1980, ganha novos contornos sob a interpretação da Antropologia, que adiciona ao conceito o modo de vida dos

¹ Dados disponíveis em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>.

habitantes dos territórios e seu imaginário coletivo. Na década de 1990, com o enfraquecimento de movimentos sindicais e dos partidos políticos em áreas mais afastadas da cidade, em decorrência da disseminação de um pensamento neoliberal crescente, a categoria de ‘trabalhadores’ já não era suficiente para representar o povo que ali habitava. O discurso hegemônico da época exaltava o individualismo e não era capaz de representar as classes populares em sua luta contra as desigualdades do capitalismo. A ausência do estado e a redução da atuação de movimentos sociais pré-existentes resultaram em uma onda de mobilizações socioculturais promovidas pelos próprios moradores, que deu nova interpretação ao conceito de *periferia*, que passa a ter maior aceitação por parte da sociedade. Parte da população se identifica ou se solidariza com a realidade vivida nas periferias, permeadas por pobreza e violência, mas também dotadas de grande potência política.

Encabeçada por agentes culturais, especialmente grupos musicais do movimento *hip-hop* como Racionais MC’s e RZO (sigla para Rapaziada da Zona Oeste), há uma grande mudança que ocorre na conotação atribuída ao termo *periferia*, que deixa de ser ligada somente a pobreza e violência e adquire autonomia e cria novas identidades. Esse fenômeno é estudado pelo sociólogo Tiarajú D’Andrea, que analisa que frente a um alto número de homicídios² na capital paulista na década de 1990, cujas principais vítimas eram homens jovens e negros, criou-se a necessidade de um movimento que reivindicava três principais objetivos: a união dos territórios, a pacificação e a denúncia das condições sociais.

Naquele momento, a periferia reivindicou a palavra ‘periferia’, começando um processo histórico de modificação de seus significados. Os principais artífices desse processo foram expressões culturais. (D’Andrea, 2020, p.3)

O pesquisador menciona obras do Racionais MC’s que foram de extrema relevância para a mudança, se referindo ao grupo como ‘intelectuais orgânicos’ (D’Andrea, 2020). O primeiro disco, *Pânico na Zona Sul* (1989) é o início da

² Em 1992, em São paulo, foram assassinados 781 jovens entre 15 e 24 anos, o que representou um coeficiente de 88,3 mortes por 100 mil habitantes. O coeficiente mais alto registrado nessa década foi em 1991, com 95,5. Entre 1991 e 1995, 91,9% dos jovens assassinados eram homens, 78,3% eram trabalhadores braçais e/ou estudantes, e 67% dos homicídios aconteceram nas periferias da capital. (Dados: Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade no Município de São Paulo - PRO-AIM). ALENCAR, Edson Rildo Penha de. Mortes violentas na cidade de São Paulo na década de noventa: os números da violência da criminalidade na América Latina e Caribe nos anos 90. 2001.

reivindicação de uma narrativa própria por parte dos moradores, sem a necessidade de um agente mediador, um movimento de autonomia fundamental. A faixa *Fim de Semana no Parque*, do LP *Raio-X Brasil* (1993), retrata diferentes regiões mais afastadas e seu contexto de violência e solidariedade observados no início daquela década. No álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), ao lado de músicas de caráter de denúncia, a faixa *Salve* é um grande símbolo do movimento de autoafirmação da periferia. A letra é uma saudação ao “outro lado do muro”, e cita diversas regiões periféricas, inclusive em outros estados, em sua maioria até então ignoradas e desconhecidas por grande parte da população.

Se liga aí Jardim Evana, Parque do Engenho, Jerivá, Jardim
Rosana, Pirajussara, Santa Tereza
Vaz de lima, Parque Santo Antônio, Capelinha, Promorar, Vila Calu,
Branca Flor, Paranapanema e Aracati
Novo Oriente, Parque Arariba, Jardim Ingá, Parque Ipê
Pessoal da Sabin, Jardim Marcelo, Cidade Ademar
Jardim São Carlos, Jardim Primavera, Santa Amélia
Jardim Santa Terezinha, Jardim Míriam, Vila Santa Catarina
Aí Vietnã! Cocaia, Cipó, Colônia, Campanário, Diadema, Calúpsa e
São Bernardo
Vila industrial, Santo André, Bairro das Pimentas, Brasilândia, Jardim
Japão, Jardim Hebron, Cohab 1, Cohab 2, São Mateus, Itaim,
Cidade Tiradentes, Barueri, Cohab de taipas
Mangueira, Borel, a Cidade de Deus, e aí DF, expansão, pra norte,
pra sul
E aí pessoal do sul, Restinga
E aí quebradas, Zona Noroeste Santos, Rádio Favela, BH
E pra todos os aliados espalhados pelas favelas do Brasil
Firma! (Racionais MC's, 1997)

O trabalho do Racionais MC's serviu, sobretudo, para aumentar a autoestima da população periférica, além de abordarem questões latentes como repressão policial e racismo. As relações raciais são um importante ponto de insurgência na afirmação das periferias, territórios cuja população é, majoritariamente, negra. O grupo foi um dos principais responsáveis por captar experiências antes difusas nas periferias de São Paulo, e assimilar em uma identidade plural, mas na qual as pessoas nas periferias se reconheciam. Seu sucesso está diretamente ligado à legitimação da população a sua obra, através de suas próprias vivências (D'Andrea, 2020).

Periferia colocou sob o mesmo guarda-chuva uma parcela da população que, mesmo tendo diferenças internas, se unificava por uma necessidade de pacificação dos territórios e contra alguns antagonistas comuns, expressos em classificações como elites, burguesia, polícia, *boys*, patricinhas ou bairros ricos. (D'Andrea, 2020, p.5).

Até meados dos anos 2000, se procurou uma definição qualitativa de periferia que não era baseada em demarcações geográficas rígidas. Nasce um conceito crítico, que nomeia as contradições e injustiças que antes estavam ocultas: racismo, miséria, machismo, desigualdade socioterritorial. Essa mudança de definição foi acontecendo conforme a população negava aquilo que era atrelado ao seu território, e ampliava seu significado para uma identidade cultural e política capaz de superar a realidade de opressão na qual viviam. A periferia torna-se um termo guarda-chuva para uma identidade periférica que engloba territórios heterogêneos, mas que compartilham um estilo de vida que vai além de pessoas ligadas a movimentos culturais e sociais, mas todos que habitam aquele espaço e estabelecem uma relação com ele. Há uma percepção territorial que atravessa todas essas experiências, uma consciência periférica (D'Andrea, 2020), que deriva das condições sociais impostas aos sujeitos, entendendo sua condição urbana, mesmo que não sejam, necessariamente, as mesmas.

2.2 *Sujeitas e sujeitos periféricos*

Uma definição de quem são as *sujeitas e sujeitos periféricos* (D'Andrea, 2013) é fundamental para que se analise, posteriormente, como essa identidade influencia na atuação dos jornalistas das periferias. Esses sujeitos e sujeitas são os protagonistas dos movimentos socioculturais que ressignificam o conceito de periferia de dentro para fora dos territórios. São frutos de um contexto histórico no qual assumem uma postura de organização política devido à crise dos movimentos sociais e dos partidos, composta majoritariamente por jovens. Eles enxergam na cultura, na moda e na comunicação refúgios para interpretar novas relações sociais estabelecidas pelo neoliberalismo, desestigmatizar seu lugar de origem e criar uma consciência de pertencimento.

A existência desse sujeito é condicionada por um movimento de afirmação, que não é necessariamente adotado por todos os habitantes de territórios periféricos. Há a necessidade de uma atuação política, combinada a um orgulho de

pertencer ao espaço para que se torne um sujeito ou uma sujeita periférica. Essa consciência é a compreensão de que se ocupa uma posição urbana compartilhada, que está diretamente ligada ao território. Ela não se expressa somente através da cultura, sua manifestação mais comumente difundida, mas também através de toda uma rede de relações sociais de partilha, solidariedade e troca, que se diferem das experiências sociais nos demais bairros de São Paulo, sobretudo os mais elitizados. O antropólogo José Guilherme Cantor Magnani³ reflete em artigo a respeito da cultura popular na capital paulista sobre o conceito de pedaço, um intermediário entre o público e o privado no qual formas diferentes de interação podem ocorrer. Ele revisa a forma de organização da sociedade brasileira proposta por Roberto DaMatta⁴ (1991) em casa e rua, e propõe que neste terceiro plano as pessoas são capazes de estabelecer relações mais personalizadas e duradouras, que baseiam esse sentimento de pertencimento e identidade das periferias.

As espacialidades que produzem essas diferenças nas relações sociais também são a origem de grande pluralidade entre os *sujeitos periféricos*. Nem toda subjetividade periférica é igual. No entanto, carregam pontos de contatos comuns a todas as regiões, interligadas por vivências que só podem ser experimentadas nestes lugares. Alguns exemplos de experiências compartilhadas pelos habitantes das periferias são o estudo na rede pública (no ensino básico), tempo de deslocamento até áreas centrais da cidade, manifestações culturais como bailes funk e rodas de samba, religiosidade, futebol de várzea, relação conflituosa com o poder público e com a polícia militar, inserção no mercado de trabalho de forma precarizada, entre outros. Apesar de diferentes entre si, as subjetividades têm em comum o antagonismo com as subjetividades criadas nos bairros onde se concentra a população mais rica. A periferia passa a ser uma classe social, sobretudo para unificar uma população específica, composta por moradores e, entre eles, sujeitos que atuam no espaço. A arte e a cultura ainda representam as principais ferramentas políticas desses sujeitos que, através dessa cena, consolidam o orgulho de pertencer ao seu território como posicionamento político territorial (D'Andrea, 2020). Desde os anos 2000 até a atualidade, se somam ao movimento nas periferias agentes e processos sociais distintos, que vão de uma realidade de

³ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998.

⁴ DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

neoliberalismo ao crescimento da classe trabalhadora trazida pelo lulismo⁵, até o contato com organizações criminosas, organizações não governamentais (ONGs) e organizações religiosas – especialmente as igrejas evangélicas.

As *sujeitas* e *sujeitos periféricos* também se assemelham em suas reivindicações para seus territórios. As principais consistem na luta contra a repressão do Estado nas periferias, especialmente o genocídio em curso da população negra, a principal afetada pelas ações das polícias; precarização do trabalho, que se traduz na falta de direitos, longas jornadas, baixa remuneração e a chamada uberização⁶; privatização de serviços públicos oferecidos pela prefeitura e pelo governo do estado, dificultando seu acesso para a população mais pobre; crise democrática, com grande desconfiança nos representantes e partidos políticos, falta de representatividade de grupos marginalizados na política institucional e ondas de neoliberalismo, que cativam sobretudo os mais jovens. Essas questões vão de encontro a um fenômeno que se observa nas populações periféricas: o entrelaçar de opressões. Elas perpassam questões raciais, de gênero e de classe, e possuem um caráter interseccional (quando englobam as pautas do movimento negro, das mulheres, migrantes e outros grupos minorizados que historicamente habitam as periferias).

2.3 Jornalismo periférico

A pluralidade observada entre as periferias da Grande São Paulo se reflete no fazer jornalístico dos jornalistas que habitam esses territórios, no sentido de empregarem sempre uma abordagem dialógica e plural. Em pesquisa de campo realizada na região metropolitana de São Paulo, a doutora em comunicação Mara Rovida identifica que essa pluralidade traz à tona uma polissemia característica. Há a criação de uma rede orgânica, na qual as políticas editoriais dos veículos das periferias, ainda que diferentes, são entendidas como complementares: o enfoque que um dá para determinado tema complementa o enfoque dado para outro tema, em outro veículo.

⁵ SINGER, André. Os sentidos do Lulismo - reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁶ ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. Psicoperspectivas, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, nov. 2019.

Com diferentes políticas editoriais, os veículos de comunicação mantidos pelos sujeitos da pesquisa, ainda que guardando essa relação de compromisso com o território, apresentam uma diversidade de questões, de perspectivas e de vozes que fazem parte desse contexto social. (Rovida, 2020, p.6)

O enquadramento do território é o principal ponto de contato entre todos os veículos que atuam nas periferias. A relação dos jornalistas com os territórios em que estão inseridos é determinante para caracterizar as narrativas produzidas nele. Há uma troca na qual o espaço molda o jornalismo ali exercido, na mesma medida em que esse jornalismo molda o espaço. Essa relação *sujeito-território* é explicada pelo geógrafo Milton Santos em *O espaço do cidadão* (2002), no qual afirma que o espaço ocupado se constitui pelas pessoas que nele habitam, e que da mesma maneira cada sujeito tem um valor, seja como produtor ou cidadão, a depender do lugar onde está (Santos, 2002). Por existir essa relação indispensável com o território, há nas produções jornalísticas periféricas uma aproximação assumida e proposital entre os jornalistas e as fontes, por uma questão identitária que compartilham (Rovida, 2018). Essa é uma evidência do engajamento social dos comunicadores periféricos, que raramente se observa nas produções em veículos hegemônicos e que os difere de um jornalismo tradicional.

É possível citar algumas iniciativas sediadas em São Paulo que se destacam nesse cenário, e que despontaram nos últimos anos respaldadas pelo maior acesso à internet e às Tecnologias da Informação e da Comunicação⁷ (TICs). São elas a *Agência Mural*; *Nós, Mulheres da Periferia*; *Periferia em Movimento*; *Manda Notícias*; *Coletivo Alma Preta*; *Ponte Jornalismo*; *Desenrola e Não Me Enrola*, sendo as três primeiras os objetos de pesquisa deste trabalho. Outro destaque é a Rede de Jornalistas das Periferias, formada em 2016 por comunicadores das periferias de São Paulo para firmar uma rede colaborativa entre as iniciativas que surgiram em meados dos anos 2010. Faziam parte da organização até 2021 *Nós, Mulheres da Periferia*; *Desenrola E Não Me Enrola*; *Manda Notícias*; *DoLadoDeCá*; *Historiorama: Conteúdo & Experiência*; *Periferia em Movimento*; *Imagem* e *Alma Preta*. Essas organizações são frutos de um sistema mais democrático do processo e produção

⁷ A Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) é um conjunto de recursos tecnológicos para obter, processar e gerar informações que são tornadas acessíveis por meio de redes de comunicação.

da notícia, no qual um sistema de produção em rede se desvencilhou da hierarquia vertical preexistente, em que apenas grandes meios de comunicação detinham o monopólio da informação. As novas tecnologias e uma crescente insatisfação com a cobertura jornalística feita pelos meios tradicionais criaram as condições para uma nova estrutura, em uma sociedade para a qual a internet é o mais importante meio de difusão, desde a invenção da imprensa (Gillmor, 2005).

Em 2019, a Rede promoveu o Fórum Comunicação e Território, que teve como um de seus resultados a elaboração do *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, pesquisa cujo objetivo era reunir pessoas e organizações interessadas no estudo da comunicação nas periferias. A partir desse mapa, constatou-se não só a crescente profissionalização dos jornalistas de periferia, como uma produção expressiva ligada a bairros afastados na capital paulista, engajada em demandas locais. Como principais aspectos motivadores desse crescimento, segundo a pesquisa, estão a disseminação de tecnologia digital, que resulta na diminuição do custo de produção e abrangência quase ilimitada do conteúdo jornalístico, e a expansão de políticas públicas de acesso ao ensino superior, no início dos anos 2000, que permitiu que jovens de baixa renda chegassem aos cursos de comunicação. Esses jovens jornalistas, *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, são os agentes da composição de um novo ecossistema midiático contemporâneo.

2.3.1 Alternativo

Um dos desafios de conceituar o jornalismo chamado de periférico é o leque de terminologias que podem caracterizar esse tipo de produção. Há um acúmulo de aspectos como o enfoque territorial, a produção coletivizada, a polissemia, e o caráter emancipatório que o fazem transitar entre muitos conceitos de jornalismo, sempre atrelados à ideia de uma produção contra hegemônica. Pode-se dizer que há um hibridismo entre diversos conceitos capazes de abarcar o jornalismo periférico, como comunitário, popular, alternativo, participativo, hiperlocal e emancipatório.

Inicialmente, é possível qualificá-lo como alternativo, que significa uma opção enquanto fonte de informação pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem (Peruzzo, 2006, p.8). Em uma perspectiva histórica, a imprensa chamada alternativa

nasce no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, período no qual o país se encontrava sob tutela da ditadura militar brasileira. Neste contexto, a maioria dos jornais tinha linhas editoriais alinhadas com as vontades do governo, por opção política ou por pressão devido à censura. Apenas pequenos jornais em formato de tablóide, que foram chamados de “alternativos”, ousavam questionar a realidade daquele contexto, geralmente dirigidos por jornalistas de esquerda, partes de uma burguesia que aspirava novos projetos políticos e sociais.

“O jornalismo periférico, como vimos chamando, pode ser compreendido como parcela da produção alternativa e/ou independente contemporânea” (Rovida, 2018, p.6).

Assim como no passado, a existência de um contexto de opressão nas periferias é o combustível para o nascimento de iniciativas cujo objetivo principal é retratar aquilo que carece de cobertura ou não é apresentado de forma satisfatória na produção hegemônica (Rovida, 2018). Quando a realidade desses territórios é retratada em veículos de comunicação tradicionais, é limitada a estigmas sobre os sujeitos e os lugares onde vivem, o que tem implicações severas na sociedade, tornando midiáticos alguns de seus problemas. O tema da violência, por exemplo, é constantemente veiculado como o único tema referente às periferias, o que evidencia um interesse de exploração econômica através da audiência (Bourdieu, 1997, p.63 *apud* Rovida, 2018, p.57). A suposta neutralidade e imparcialidade jornalística é artificial nestes contextos, ela não é capaz de promover o debate público de qualidade e se molda a partir de um modelo de negócios que visa a lucratividade sobre o interesse público. Outro aspecto importante é que o grande diferencial não reside apenas nas técnicas produtivas, mas também na hierarquização das informações e na presença de determinadas fontes e vozes culturalmente excluídas. Porém, uma das ressalvas feitas pelos jornalistas periféricos é abandonar a ideia de que se precisa “dar voz”, e no lugar difundir a ideia de que é necessário “dar ouvidos”. Essa concepção gera uma aproximação entre os produtores da notícia e seus espectadores, não só por compartilharem vivências semelhantes no espaço da periferia, mas também pela disposição de veicular narrativas sem um intermediador externo que altera as histórias a partir de sua própria perspectiva limitada e, muitas vezes, preconceituosa. Entende-se que um repórter periférico não deve se escorar na utopia da interação social criadora,

que prejudica a mediação do debate social que é, essencialmente, o papel da profissão (Rovida, 2020).

2.3.2 Popular e comunitário

A comunicação popular e comunitária se caracteriza por ter sempre o povo como protagonista e como destinatário, historicamente representado pelos movimentos populares e iniciativas coletivas. Na América Latina, esse tipo de comunicação emerge nos anos 1970 e 1980, como um processo de comunicação que visava a transformação de estruturas opressivas da sociedade (Peruzzo, 2006). Era marcado por um caráter educativo, com a veiculação de mensagens de conscientização à população sobre sua própria realidade. Assim, os veículos de comunicação alternativos passam a atuar como instrumentos de educação popular e de emancipação. No Brasil, esse movimento está diretamente ligado ao movimento sindical e operário, tanto na cidade como no campo, como apontam alguns teóricos como Regina Festa⁸ (1986). A comunicação deixava de ser feita “de cima para baixo”, e passava a quebrar lógicas de opressão através da linguagem popular. Nos anos 2000, se observa uma maior democratização dos meios de comunicação, sobretudo através de rádios comunitárias, tornando a radiodifusão a grande propulsora da necessidade de uma produção mais profissional e técnica. É também neste contexto que as comunicações populares passam a englobar outros conteúdos, mais ligados ao lúdico, ao entretenimento e à cultura, o que não diminuiu seu caráter combativo histórico. Há também a incorporação de novas tecnologias e o entendimento de que a comunicação é um direito humano.

Portanto, é possível classificar o jornalismo periférico como comunitário e popular, uma vez que há características que ligam esse tipo de jornalismo ao seu objetivo coletivo através da participação ativa do público-alvo; promoção do exercício da cidadania; a ausência de fins lucrativos na produção; tendência a propriedade coletiva e organização isonômica; difusão de conteúdos que fomentam a educação popular, a cultura e a participação política. No jornalismo periférico, o público não é mais apenas o receptor da mensagem, mas sim parte integrante da produção e divulgação de notícias (Magnoni; Miranda, 2018).

⁸ FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R. ; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

2.3.3 Hiperlocal

Outro aspecto que pode ser destacado na caracterização do jornalismo periférico é a hiperlocalidade de suas produções. O jornalismo é hiperlocal quando as notícias veiculadas são de nível de comunidade, com pautas específicas pouco ou nunca abordadas pela grande mídia. Seu foco é uma área geográfica demarcada, que se orienta, sobretudo, pelo critério noticioso de proximidade, que será explorado posteriormente neste trabalho. A professora Emily T. Metzgar, da Universidade de Indiana (EUA), defende que a chamada *comunicação hiperlocal cidadã* é a que incide sobre histórias locais em contraponto a narrativas globais; podendo ser produzida a partir das organizações noticiosas estabelecidas ou por meio daqueles que não estão inseridos em um contexto de produção e disseminação de conteúdo (2011). Desenvolvido especialmente no ambiente digital, tem como aspecto fundamental a produção da informação a partir de vivências, de sujeitos que não têm, necessariamente, conhecimento acadêmico ou formal do jornalismo. Esse movimento representa uma tendência de qualificação da informação jornalística a partir do cruzamento de fontes oficiais, profissionais e geolocalizadas (Lemos; Pereira, 2011). O envolvimento da comunidade e de suas organizações na produção da notícia, além de sua política editorial que destaca questões das periferias como o centro de suas produções é o que enquadra o jornalismo periférico como hiperlocal.

“O jornalismo hiperlocal pode oferecer narrativas que relatam as identidades locais, fazendo com que perfis históricos e culturais possam se sustentar, além de valorizar a memória do lugar” (Lemos; Pereira, 2011, p.4).

Em complemento, muitas das organizações e veículos que se encaixam na definição hiperlocal também têm ações voltadas para a educação midiática, sobretudo para correspondentes que atuam nos territórios, como é o caso da *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*⁹. As formações partem de uma premissa de técnicas do jornalismo tradicional, combinado às particularidades do hiperlocal e da perspectiva das *sujeitas* e *sujeitos periféricos* que atuam nessa comunicação. Como uma das principais consequências do crescimento dessas iniciativas está o maior alcance de informações que expõe as faltas nas regiões

⁹ A Agência Mural possui, desde 2010, um núcleo educativo batizado de Clube Mural, que promove formações para comunicadores, estudantes e para a população sobre técnicas de produção de jornalismo local, educação midiática e treinamento para correspondentes nas periferias.

periféricas, o que provoca movimentação por parte da sociedade para cobrar um agir mais efetivo por parte do poder público (Lledó, 2023). Também é interessante observar uma mudança no próprio mercado de trabalho, no qual grandes veículos passam a contratar mais profissionais de origem periférica devido a sua credibilidade insubstituível para falar do local onde vivem. Alguns jornais maiores e empresas inclusive buscam estabelecer parcerias ou financiamentos com veículos hiperlocais para aproximar as narrativas do local onde são concebidas.

2.3.4 Jornalismo emancipatório e a interseccionalidade

Outro importante aspecto a ser destacado sobre o jornalismo periférico é seu caráter emancipatório. Pode-se entender essa sua função a partir da ideia de *ação cultural emancipatória*, definida pelo educador Paulo Freire, e que foi ligada ao jornalismo alternativo pelo jornalista, professor e pesquisador Dennis de Oliveira em sua tese *Jornalismo e ação cultural pela emancipação: Uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire*. O conceito de ação cultural emancipatória é entendido como o movimento de libertação do oprimido, que acontece a partir da dialogia com suas próprias experiências. Para Freire, não é possível que os sujeitos se libertem das opressões que lhes são impostas sem que eles estejam envolvidos neste processo. Qualquer tentativa emancipatória que não envolva os oprimidos no processo é apenas uma reprodução da lógica de opressão. Oliveira, portanto, sustenta que o caráter participativo do jornalismo periférico, que busca trazer narrativas silenciadas para o centro do debate a partir da perspectiva de pessoas advindas dos territórios, é emancipatório.

O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a sua luta por libertação. (...) Pretender a libertação destes sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair em um engodo populista e transformá-los em massa de manobra. (Freire, 1994, p. 29 *apud* Oliveira, 2014, p.213)

A participação na produção jornalística das *sujeitas e sujeitos periféricos* – aqui entendidos como aqueles que ocupam esse lugar de opressão no espaço urbano – é uma das faces da consciência de pertencimento que adquiriram com a definição sociocultural de periferia. O colaborativismo que nasce nos territórios,

traduzidos na produção jornalística advinda deles, é uma forma de resistir à relação paradoxal entre o excesso de presença do Estado (violência armada) e sua ausência (precariedade de infraestrutura urbana) (Nemer, 2021). Há uma tentativa do jornalismo alternativo dos territórios de subverter um discurso estigmatizante a respeito do espaço e das pessoas que nele vivem, que foi reforçado constantemente pela mídia tradicional, ao longo dos últimos anos. A forma como as pessoas são representadas influencia como elas são tratadas, e neste caso a imprensa historicamente tonifica desigualdades estruturais através de suas produções. Quando as identidades sociais e locais dos sujeitos e sujeitas são representadas sob uma ótica de *conhecimento situado*¹⁰, novas formas de enxergar a periferia são difundidas, de dentro para fora, e isso tem implicações diretas na vida daqueles que são o centro das narrativas.

Para compreender o jornalismo alternativo das periferias como uma *práxis*¹¹ emancipatória, Oliveira destaca três pressupostos: 1) O reconhecimento do sujeito periférico como agente histórico através da ligação entre suas vivências cotidianas e a transformação da natureza e do espaço ao seu redor; 2) Na mídia hegemônica, há uma espetacularização de acontecimentos duvidosos, que em sua maioria implica no reforço de estereótipos sobre a periferia. O jornalismo periférico rompe com essa lógica ao trazer diversidade nas pautas de interesse público, como educação, cultura, participação política etc., e não se limita somente a violência e conteúdo policiaisco; 3) Parte do poder na sociedade capitalista contemporânea reside na esfera privada, representada por monopólios de finanças, armas e comunicação. Esse cenário extingue a esfera pública onde acontecem os debates públicos mediados pela razão e, como consequência, há a predominância de um jornalismo-espetáculo (Oliveira, 2014, p.215), portanto o caminho inverso é um descontinuação desta lógica empregada pela imprensa tradicional. Adicionalmente,

¹⁰ Todas as formas de conhecimento refletem condições particulares nas quais são produzidas, e em algum nível, refletem as identidades sociais e os locais sociais dos produtores de conhecimento. HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. Oxfordshire: Routledge, 1991.

¹¹ Transformação do meio natural em que vive o homem (conquista e humanização da natureza, modificação, supressão e criação de objetos, transformação das condições naturais da vida humana); criação de distintas formas e instituições da vida humana – das interações, comunicação mútua e trabalho cooperativo e associativo. A luta pela sobrevivência leva à transformação das condições sociais da vida humana que é ao mesmo tempo autocriação e criação coletiva do homem. OLINDA, Maria. *Práxis e Educação*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.20, p. 86 - 93, dez. 2005.

defende que a própria recuperação do jornalismo pode se dar através da emancipação advinda da ação cultural proposta por Freire. Os processos de transformação dos indivíduos na própria mercadoria na atual configuração da comunicação contemporânea passa por uma resistência, protagonizada pelos oprimidos, os periféricos.

Paulo Freire antagonizava os conceitos de cultura do silêncio, compreendida por ele como a inação dos sujeitos perante o desconhecimento de sua própria participação em sua condição de existência, e do conceito antropológico de cultura, que ele utilizava como método de ensino. O jornalismo periférico, portanto, se apresenta como um espaço de emancipação uma vez que pode promover a reflexão dos sujeitos sobre as estruturas que os oprimem. Essas estruturas estão ligadas a questões físicas do espaço, como falta de saneamento, precariedade de moradia, falta de acessibilidade e mobilidade no espaço urbano, e também questões ideológicas, expressas na precarização do trabalho, pobreza, violência de gênero, racismo, genocídio da população periférica pelas forças armadas do estado, entre outras. Ao reivindicar um outro olhar para as questões que permeiam, mesmo que de formas distintas, as regiões periféricas dos espaços urbanos, o jornalismo é emancipatório. Ele toma a posição do oprimido e há uma clara tentativa de romper com uma visão funcional do papel do jornalista, de apenas expor os fatos (Oliveira, 2014).

Não se trata de um jornalismo para propagandear palavras de ordem ou para disseminar determinados textos ideológicos, mas sim de assumir um posicionamento em um processo de construção coletiva de emancipação. (Oliveira, 2014, p.230)

Apesar de seu papel crucial na conscientização das populações periféricas sobre suas próprias condições de existência, não se pode ter o jornalismo como o único meio de emancipação. Em alguns casos, a produção de um jornalismo anti-hegemônico acaba por entrelaçar os objetivos emancipatórios com um discurso ideológico, que se observa comumente em jornais ligados a organizações políticas. Da mesma forma, o jornalismo não deve ser visto como a única fonte de confirmação das opressões, no caso do jornalismo tradicional, com o risco da criminalização dos comunicadores e da profissão como um todo. Essa criminalização se traduz, muitas vezes, na violência contra comunicadores e na

descredibilização de seu trabalho, fundamental para a manutenção das estruturas democráticas. Portanto, é importante reconhecer as limitações do jornalismo como uma *práxis*, a fim de escapar de uma visão dicotômica de ora um instrumento ideológico de classes dominantes, ora instrumento de lógica revolucionária, que não é capaz de comportar sua complexidade.

2.3.4.1 Interseccionalidade no jornalismo periférico

Quando falamos sobre o potencial do jornalismo periférico como ação cultural emancipatória, é indispensável abordar a interseccionalidade que permeia as opressões vividas pelos sujeitos e sujeitas nas periferias. O conceito de interseccionalidade usado aqui é de caráter sociológico e consiste na análise da sobreposição de opressões dentro da sociedade capitalista, e de como atuam de forma simbiótica, criando uma forma multidisciplinar de discriminação. Ele foi cunhado por ativistas do feminismo negro norte-americano, na década de 1980, com destaque para a professora e jurista Kimberlé Crenshaw, a quem se atribui os primeiros usos do termo em 1989. Neste período, o movimento negro passa a reivindicar de forma mais contundente um feminismo que levasse em consideração as opressões de gênero diretamente ligadas as condições de raça e de classe.

Uma das principais vozes neste movimento é a ativista, feminista, socialista e professora Ângela Davis, autora do livro *Mulheres, Raça e Classe* (1981). Na obra, ela analisa, a partir de levantamento de materiais históricos, a trajetória de mulheres negras nos Estados Unidos (EUA) do século XIX ao século XX, passando por questões como a abolição da escravidão, direito ao voto, trabalho doméstico e o surgimento do feminismo negro. Parte do livro destaca como as reivindicações iniciais do feminismo chamado liberal, protagonizado por mulheres brancas, adquiriu posições racistas ao diminuir demandas ligadas às questões de raça e classe vindas de mulheres racializadas, em função de uma suposta libertação de um grupo seletivo, já dotado de inúmeros privilégios, distantes da maioria das mulheres. Feministas brancas nos EUA insistiam que “as mulheres negras só poderiam ser verdadeiramente feministas se priorizassem e imaginassem uma sororidade pós e não racial acima da solidariedade antirracista com os homens negros” (Arruza, Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 77). Ela ressalta que as questões raciais são sempre preteridas nos debates do feminismo hegemônico, ou atribuídas somente ao

interesse das mulheres negras. Ela faz referência a uma cultura embasada em hierarquias raciais, que tem implicações diretas nas questões de gênero.

O texto é um exemplar de como realizar análises interseccionais. (...) Se o gênero é uma categoria relacional, que não diz respeito apenas às mulheres, raça funciona do mesmo modo, não restringindo-se apenas às negras e aos negros, mas às relações de dominância entre grupos étnicos. (Jesus, 2022, p.229).

No Brasil, também durante os anos 1980, este debate passa a ser destacado por ativistas do Movimento Negro Unificado¹² (MNU), como Lélia Gonzalez, que compreendem que as estruturas de opressão do país não podem ser analisadas de forma isolada. Gonzalez faz uma crítica ao pensamento feminista universalizado da época, que partia de uma perspectiva ocidentalizada e dominado por mulheres brancas de elite. No artigo *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”* (1984) Gonzalez apresenta três arquétipos principais para discorrer sobre a posição ocupada pela mulher negra na construção e na manutenção do mito da democracia racial. A mulata, a doméstica e a mãe preta são as figuras que representam essa multiplicidade de papéis que são atribuídos a essas mulheres, submetidas às opressões do duplo fenômeno do racismo e do sexismo, que até então eram analisadas separadamente.

Gonzalez defende que só é possível compreender o fenômeno de identificação do dominado com o dominador se entendermos o racismo enquanto a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira articulado ao sexismo que produz efeitos violentos sobre a mulher negra, em especial. (Oliveira, 2020, p.94)

Outro aspecto interessante que perpassa suas reflexões é a descolonização da linguagem trazida por Gonzalez. A pensadora resgata uma linguagem popular que chama de *Pretuguês*¹³. Ela confronta um pensamento elitizado que condena intelectualmente aqueles que divergem da norma culta através de sua fala, e atribui

¹² O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país.

¹³ O neologismo foi criado por Gonzales para identificar a grande influência das linguagens de nações africanas que o português brasileiro carrega. Essa característica está diretamente ligada à ancestralidade e é uma das heranças deixadas pelas pessoas escravizadas que resistiam de inúmeras formas, lutando, fugindo, se organizando, mas também através da fala.

essa outra linguagem a uma herança linguística africana, trazida pelas mães pretas. A partir dessa proposição, reflete sobre como uma linguagem tida como dominante pode reforçar sistemas de opressão e criar mais espaços de poder excludentes.

Essa discussão vai de encontro aos aspectos emancipatórios do jornalismo periférico, que busca, além de romper com os modos de produção e as pautas do jornalismo hegemônico, aproximar suas linguagens e narrativas de seu público-alvo, os moradores da periferia. Enquanto os grandes jornais têm suas linguagens pautadas por manuais de redação com décadas de existência, herdados de moldes europeus e que foram impostos por uma elite cultural branca, os jornais periféricos buscam se apropriar da linguagem jornalística para redirecioná-la. Esse movimento é uma forma de resistência a deslegitimação histórica das vozes que não vem de um lugar eurocêntrico na mídia, “os saberes constituídos em vivências não eurocênticas são deslegitimados, daí que as vozes dos seus sujeitos são desconsideradas dentro da arena da esfera pública.” (Oliveira, 2020, p. 128). É preciso substituir a ideia de “dar voz” através de uma linguagem colonizada, e criar uma valorização da diversidade cultural e social propagada pelos próprios sujeitos e sujeitas, capazes de narrar transformações a partir de sua própria identidade e territorialidade.

As territorialidades são os processos definidos por um conjunto de dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais que são atravessadas pela organização da vida comum: poder, linguagens, ritualizações etc. As territorialidades vindas das periferias conferem uma grande diversidade à produção jornalística, o que dificulta a definição de um jornalismo periférico como uma coisa única. Por outro lado, essa dificuldade também estabelece uma crítica a uma noção colonialista do jornalismo como um fazer unificado que dá conhecimento às realidades. O jornalismo de olhar periférico estabelece outros parâmetros de produção (Patrício, 2023). O entendimento do jornalismo periférico como plural empresta à produção jornalística uma variedade de características, que se constroem na forma de gestão, estruturação e na atuação dos repórteres, e que influenciam nas rotinas de trabalho dentro das organizações. Uma dessas características destacadas é a busca por um jornalismo mais “posicionado”, que é um fator de diversidade. Há uma intencionalidade na configuração da organização, como o enfoque em mulheres, a inexistência de uma hierarquia fixa e relações mais democráticas nas decisões dentro dos veículos. É possível citar o *Nós, Mulheres da Periferia* – cuja produção

será analisada posteriormente neste trabalho – e o Portal Geledés¹⁴ como organizações que se valem dessa intencionalidade ao serem dirigidas por mulheres, e ao destacar pautas de gênero e de raça, para fazer oposição a um jornalismo que ignora a ligação dessas lutas a outras reivindicações nas periferias. As iniciativas de jornalismo de olhar periférico são atentas às colonialidades presentes no jornalismo tradicional, que envolvem todas as opressões sobre as quais foram construídas.

“Diante do racismo estrutural e institucional, a mulher negra é periférica em qualquer endereço” (MANIFESTO NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2014).

O sociólogo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres fala sobre um *giro decolonial*, que seria o despertar teórico, prático, político e epistemológico à lógica da colonialidade. No jornalismo, esse despertar pode ser atribuído à produção alternativa, em um contexto no qual as práticas jornalísticas hegemônicas estão cada vez mais submissas à lógica de mercado, mais distantes de interesses sociais. Há inclusive um aspecto latente nas produções tradicionais, que é oriundo do colonialismo, o extrativismo: extrair e desapropriar recursos tecnológicos para a comunicação, em prol do interesse de uma minoria econômica enriquecida. Isso perpetua uma comunicação centrada, que consiste em uma abordagem mecânica da informação com caráter de persuasão, que é herança da relação de dominância entre emissor (dominante) e receptor (dominado).

“(...) para romper com a lógica da colonialidade e suas estruturas de poder e opressão, é fundamental que o jornalismo decolonial incorpore a perspectiva interseccional” (Silva; Aguiar, 2023, p.2).

Não é suficiente penetrar pelas rachaduras do sistema vigente (Silva; Aguiar, 2023), é preciso reconhecer que há relações de subalternidade na produção jornalística, que só podem ser combatidas a partir do reconhecimento das imposições coloniais históricas e de um pensamento interseccional.

¹⁴ Fundada em 30 de abril de 1988, Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira. *Gèlèdè* é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade.

3 OBJETOS DE ANÁLISE E VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO PERIFÉRICO

Esta pesquisa considerou como objetos de estudo três veículos de jornalismo periférico, de grande relevância nas produções jornalísticas alternativas na cidade de São Paulo: *Periferia em Movimento*, *Agência Mural* e *Nós, Mulheres da Periferia*. A partir da análise de seus conteúdos, plataformas digitais e audiência, é possível identificá-los como grandes expoentes do jornalismo periférico, com alcance que, por muitas vezes, excede os limites territoriais da cidade. Essa característica confirma a aproximação de suas produções de uma identidade periférica compartilhada, que vai além dos aspectos particulares de cada lugar e é capaz de abarcar sua multiplicidade.

Para compreender as escolhas editoriais dessas iniciativas, sua dialogia, pluralidade, e até seu surgimento, é preciso abordar conceitos teóricos do jornalismo que orientam muitas delas, criadas com a finalidade declarada de comunicar a periferia de dentro para fora. Os valores-notícia são parte fundamental nesta análise, de onde bebem essas produções para sustentar, a partir das teorias da comunicação, os assuntos destacados e descartados em suas produções.

3.1 Valores-notícia no jornalismo periférico

Nas teorias do jornalismo, entende-se que há critérios que guiam os jornalistas nas escolhas dos fatos que, posteriormente, serão transformados em notícias. Esses critérios, chamados de **valores-notícia**, estabelecem um padrão que auxilia os profissionais em seu trabalho de coleta de informações e acaba por conferir características aos veículos, baseadas em suas escolhas editoriais. Esse conjunto de critérios é chamado de **noticiabilidade**, que foi teorizado ao longo dos anos por alguns acadêmicos. Neste trabalho, o destaque será para as definições dos critérios de notícias elaborados por Nelson Traquina. Segundo ele:

“Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (Traquina, 2008, p. 63).

Ele entende que os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto é uma notícia em potencial, provável de tornar-se uma matéria a ser veiculada. Como ponto de partida para suas ideias, ele cita o teórico Mauro Wolf para afirmar que os valores-notícia estão tanto no processo de escolha daquilo que será noticiado, quanto no processo de produção da notícia em si. Por isso, ele cria uma classificação dos critérios que se dividem em valores notícia de **seleção** e valores notícia de **construção**.

É importante pontuar que o próprio Traquina discorre sobre como esses critérios não são naturais e muito menos neutros. Eles são frutos de construções sociais que influenciam a produção jornalística há décadas e que, inevitavelmente, estão ligadas a outros tipos de valores. Elas integram uma esfera de consenso¹⁵, na qual se convencionou o que são os valores mais importantes para aquela sociedade. Neste cenário, opiniões dissidentes desse conjunto de ideias são automaticamente marginalizadas. Para discorrer sobre esse fenômeno, ele traz elementos de estudo do acadêmico John Hartley, que defende que os valores-notícia são um “código ideológico” e apenas uma camada no conjunto de valores sociais mais profundos. Por esse motivo, os jornalistas podem atuar, através de seu trabalho, como cúmplices ao legitimar opiniões conservadoras e até contribuir para a manutenção de preconceitos.

3.1.1 Os valores de proximidade e relevância

Para compreender melhor como se aplica a noticiabilidade nas produções do jornalismo periférico, destacam-se alguns valores de seleção da notícia que melhor se relacionam com as escolhas do que é de maior interesse público no jornalismo de território. O primeiro e mais presente desses critérios é a **proximidade**. A proximidade é um valor da notícia que está ligado não somente à proximidade geográfica, mas também à proximidade cultural. Portanto, um fato que acontece em âmbito local é de interesse das pessoas que ali vivem, mas também contempla as

¹⁵ Segundo Daniel Hallin, a esfera de consenso é a região em que encontramos os valores consensuais da sociedade, como a liberdade e a igualdade. No seu limite estão objetos sociais que não são tidos pelos jornalistas, de modo geral, como controversos. Dentro deste universo, os jornalistas não se sentem instigados a refletir sobre pontos de vista sobre determinadas questões, e inclusive muitas vezes acabam agindo como defensores ferrenhos de valores considerados consensuais. HALLIN, Daniel (1986). The "Uncensored War". Berkeley: University of California Press.

vivências de *sujeitas* e *sujeitos periféricos* em outros territórios, que compartilham de uma identidade e que estão suscetíveis às mesmas condições sociais.

Um exemplo de aplicação do critério de proximidade são os eventos esportivos. Em veículos de grande circulação, é comum que se escolha veicular fatos a respeito de campeonatos de futebol nacionais e internacionais, que são de interesse de grande parte da população. A escolha dessas notícias é motivada por sua **relevância**, que Traquina define como a capacidade do acontecimento de incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação. (2008, p.80). Entende-se, portanto, que pessoas de diferentes regiões compartilham interesses sobre determinados clubes, atletas e resultados, mesmo que suas experiências locais sejam muito distintas entre si, portanto, é relevante. Para o jornalismo periférico, o critério passa por um refinamento. O futebol também é visto como um interesse compartilhado por muitos, mas aplica-se um recorte territorial a cobertura, que dá destaque a campeonatos locais, campeonatos de várzea e disputas entre equipes das comunidades. Essa escolha é pautada pela proximidade dos fatos com o público-alvo. Os times são constituídos por moradores, a organização dos eventos é feita pela comunidade e acontecem próximos ao seu local de convivência, é um evento cultural completamente ligado ao território. É interessante ressaltar que, além da forte questão geográfica e local, esse tipo de notícia também abarca o aspecto de proximidade cultural, uma vez que é uma manifestação que ocorre em diferentes lugares, mas no mesmo formato. O futebol de várzea tem diferentes representações nos estados brasileiros, mas se assemelha em questões fundamentais como sua ligação intrínseca à cultura periférica.

Outro exemplo da aplicação deste conceito é a violência policial. Casos de abordagens truculentas da polícia civil e militar, chacinas e repressões de eventos e outras manifestações coletivas nas periferias são constantemente retratadas pelo jornalismo. Para o jornalismo periférico, no entanto, a veiculação desses fatos está ligada à proximidade geográfica, uma vez que diz respeito a fatos ocorridos no local onde vivem seus espectadores. Há o aspecto cultural, dado que as ocorrências são semelhantes em diferentes territórios, sobretudo porque são frutos de uma mesma cultura racista presente na sociedade brasileira. A proximidade também se observa no padrão das vítimas dessas ocorrências, que, em sua grande maioria, são jovens, negros e moradores das periferias. Alguns veículos alternativos, como a Ponte

Jornalismo¹⁶ e o Alma Preta, dão destaque para esses fatos para propor reflexões sobre a ligação direta entre o racismo e a violência advinda do Estado, e agir como um instrumento de denúncia. Ao destacar esses casos, a partir do próprio ponto de vista de quem testemunha e sofre com essa realidade, se apropriam de uma narrativa muitas vezes rasa dada pelo jornalismo tradicional a essas pautas, e transformam em um material de caráter emancipatório sobre os acontecimentos, convidando a uma reflexão coletiva. Por outro lado, algumas iniciativas presentes nas periferias entendem que já há uma cobertura massiva das violências que ocorrem nas periferias pelo jornalismo hegemônico, o que contribui para reforçar um estereótipo dessas áreas urbanas. É o caso da *Agência Mural*, que não costuma realizar esse tipo de cobertura, mesmo que ocorram nos lugares onde estão seus correspondentes e seu público-alvo. Por mais que haja um interesse público e uma ligação com o território, a *Mural* entende que há outros aspectos das periferias que precisam de mais protagonismo na cobertura jornalística. Essa mudança de foco, que também é guiada pelo critério da proximidade, contribui para reeducar a sociedade sobre o que se passa nesses territórios para além da morte e da pobreza.

3.1.2 O critério contextual da disponibilidade

Entre os critérios que Traquina (2008) entende como critérios de construção, estão aqueles ligados ao contexto de produção da notícia, que não se pautam somente nas características de um fato que lhe conferem potencial para ser noticiado. Esses critérios são chamados por ele de *critérios contextuais*. A **disponibilidade** é um desses valores, que consiste na viabilidade de cobrir um acontecimento considerando que os veículos dispõem de recursos limitados destinados às suas atividades jornalísticas. É importante relacionar esse critério ao jornalismo periférico pois grande parte das iniciativas são de caráter independente, e não têm acesso a recursos financeiros para arcar com coberturas grandiosas como os jornais hegemônicos. Não há à disposição dos jornalistas das periferias os mesmos recursos que existem para os jornalistas de grandes jornais para se deslocar, adquirir equipamentos, garantir sua segurança etc. Esta limitação também

¹⁶ A Ponte Jornalismo escolhe cobrir principalmente os temas ligados à segurança pública, à justiça e ao aparelho repressivo do Estado, nas suas intersecções com raça, gênero e classe, por entender que são as questões centrais por onde passa a construção de uma sociedade democrática no Brasil. Disponível em <https://ponte.org/sobre/>. Acesso em: 10 out. 2024.

é uma grande influenciadora no que é escolhido como notícia, porque limita o alcance da cobertura e molda ela com um enfoque mais localizado, dentro do orçamento disponível. A inclinação para a proximidade vai além do interesse geográfico e cultural, também está ligada a uma questão organizacional das iniciativas periféricas, que escolhem dedicar seus poucos recursos e mão de obra disponíveis para noticiar aquilo que vai impactar as pessoas próximas ao seu território de atuação.

3.2 Desertos de notícia

As iniciativas de jornalismo periférico estão inseridas no conjunto mídias alternativas, que nascem da necessidade de cobrir assuntos historicamente negligenciados pela imprensa tradicional. Elas suprem um vácuo noticioso, regiões nas quais a população não tem acesso a informações de cunho jornalístico sobre o território onde vive, fazendo um trabalho de resgatar narrativas e fazer uma cobertura local qualificada e profissional. A partir desse cenário, pode-se dizer que o jornalismo periférico é, também, uma forma de combater os chamados **desertos de notícias** – regiões que não contam com veículos jornalísticos locais, que não têm cobertura significativa da imprensa. O conceito foi desenvolvido por Penelope Muse Abernathy, jornalista e pesquisadora no Centro de Inovação e Sustentabilidade de Mídia Local da Escola de Mídia e Jornalismo na Universidade da Carolina do Norte (EUA). Desde 2016, ela conduz a produção de relatórios anuais que tem como objetivo identificar o desaparecimento de mídias locais e regionais, suas causas e principais consequências nos EUA. Em seus estudos, ela definiu desertos de notícias como “comunidades com acesso limitado a notícias e informações abrangentes e de credibilidade” (Coutinho; Martins; Moreira, 2021, p. 3).

No Brasil, o conceito de deserto de notícias passou a ser explorado a partir de 2017, com a criação do Atlas da Notícia¹⁷, iniciativa criada para mapear veículos de produção de notícias em âmbito local no território brasileiro. O mapeamento foi

¹⁷ O Atlas da Notícia é uma iniciativa para mapear veículos produtores de notícias – especialmente de jornalismo local – no território brasileiro. O levantamento é produzido por uma rede de estudantes e voluntários, coordenados por pesquisadores regionais. É uma iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), mantenedor do Observatório da Imprensa, em parceria com a agência de dados Volt Data Lab, agência de jornalismo focada em investigação, análise e visualização de dados. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/institucional/sobre-o-atlas-da-noticia/>. Acesso em 04 set. 2024.

inspirado no projeto *America's Growing News Deserts* (2017) da revista *Columbia Journalism Review*. Há uma adaptação para o contexto brasileiro, que considera as características geográficas, socioeconômicas e a composição de organizações midiáticas nacionais para analisar o fenômeno de desertificação nacional. O surgimento de pequenas iniciativas jornalísticas desde o início dos anos 2010, sobretudo no meio digital, ajudou a preencher espaços carentes de jornalismo local. A partir de 2019, o Atlas da Notícia passou a contabilizar não só sites de notícias em moldes mais tradicionais, mas blogs de comunicadores e iniciativas de redes sociais na categoria digital, como formas alternativas de informar a população. No levantamento de 2022, essa categoria representava um terço dos veículos registrados pelo mapeamento.

(...) o surgimento de pequenas iniciativas digitais no Brasil nos últimos anos ajudou a preencher espaços carentes de presença de jornalismo local, à medida que, como visto, o número de veículos impressos encolheu significativamente. (Miranda, 2021, p.74)

Segundo dados da 6ª edição do Atlas da Notícia, publicado em 2023, houve uma redução de 8,6% de desertos de notícia no país. Esse número significa que, apenas entre 2022 e 2023, 256 municípios foram adicionados à lista daqueles que contam com pelo menos um veículo jornalístico em seu território. Na região Sudeste, foi o terceiro ano seguido de queda no número de desertos de notícias. Em 2021, eles eram 967, ou 58% dos 1668 municípios da região. Nesta edição, o percentual caiu para 51,5%.

Os veículos de caráter local e comunitário, especialmente os nativos digitais¹⁸ são parte dessa redução. As iniciativas que contam com a participação local e qualificada para a cobertura de pautas ligadas ao território são capazes de suprir o deserto de notícias que antes existia ali. Os veículos periféricos se enquadram nessa proposta ao trazerem à tona demandas e acontecimentos específicos sobre regiões negligenciadas ou mal retratadas pela imprensa hegemônica. Sem uma grande dependência de capitalizar todo o seu conteúdo jornalístico, como se observa no modelo de negócios atual de jornais tradicionais, os veículos das periferias podem voltar sua atenção para questões marginalizadas e vistas como

¹⁸ Veículos que nascem exclusivamente na internet e que se organizam de forma sustentável, por muitas vezes horizontalizada e independente.

pouco rentáveis para o mercado da comunicação. Há uma liberdade editorial, somada ao caráter popular, que permite que o jornalismo alternativo preencha as lacunas de cobertura observadas em regiões afastadas dos centros, sejam eles os centros urbanos ou os centros das grandes cidades.

Um fator que se destaca nessa insurreição de iniciativas periféricas é a atuação dos jovens, seus protagonistas. Contemplados nos últimos anos por políticas públicas de acesso ao ensino superior, e mesmo assim marginalizados por grandes veículos que não tem interesse em veicular sua realidade, os jovens periféricos tornam-se os comunicadores responsáveis por narrar as próprias histórias e as histórias do lugar onde vivem. Para a pesquisadora Cláudia Nonato

Jovens cansados de ver suas comunidades retratadas pela mídia tradicional de forma parcial e muitas vezes preconceituosa, aproveitaram as facilidades e o acesso às mídias digitais para produzir eles mesmos o jornalismo que representa sua vida cotidiana. (Nonato, 2020, p. 189)

Ela também pontua que muitos desses jovens acabam atuando como educadores, que transmitem suas habilidades de manejar os meios de comunicação como instrumentos de cidadania para outras pessoas nas periferias.

3.3 Periferia em Movimento

A *Periferia em Movimento* é uma das iniciativas de comunicação periférica cujas produções foram usadas como base para a produção deste trabalho. Fundada em 2009 por Aline Rodrigues, Sueli Reis Carneiro e Thiago Borges, na Zona Sul de São Paulo, se auto intitula uma “produtora independente de jornalismo de quebrada”. Em seu site, destacam como sua principal missão a produção de um jornalismo “sobre, para e a partir das periferias, em nossa complexidade, para ocupar espaços que sempre negaram e garantir o acesso a direitos à população periférica”. O manifesto¹⁹ tem como primeiro verso “Periferia em Movimento é desconforto”, deixando explícita a motivação de produzir um jornalismo contra hegemônico, além de ressaltar que “Periferia em Movimento é periferias, no plural”,

¹⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NDNvBBHq7XU&t=4s>. Acesso em 07 out. 2024.

retomando a ideia de que há uma expressão e consciência periférica compartilhada, mas ainda assim diversa (D'Andrea, 2020).

A *Periferia em Movimento* não tem vínculos com o poder público, empresas privadas ou outros tipos de organizações. Mas ao longo de sua existência, recebeu alguns incentivos financeiros para projetos e produções específicas, especialmente através de editais. Os conteúdos produzidos através desses incentivos são sinalizados com etiquetas. A produtora presta serviços de produção de conteúdo, consultoria e educação midiática, que são geralmente contratados por organizações do terceiro setor. No site, há uma lista completa com as parcerias realizadas e apoiadores, entre os nomes estão algumas organizações como Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Fundação Tide Setubal, Fundo Brasil de Direitos Humanos, Instituto Pólis e Instituto Vladimir Herzog. Também há parcerias com veículos de comunicação de jornalismo hegemônico como o UOL, Nexo Jornal e *big techs* como Google e a Meta.

Os trabalhos voltados para a aprendizagem denotam uma forte atuação na área educacional, com projetos ligados à educomunicação e letramento digital e midiático, que vai de encontro com os valores de representatividade, empatia e equidade que pretendem reforçar nos territórios. Há a realização de palestras e formações sobre as vivências nas periferias, mas principalmente sobre os impactos do jornalismo periférico para os territórios e para o entendimento de mídia que o jornalismo tem na atualidade. As Oficinas de Jornalismo para formar agentes de comunicação comunitários são, segundo eles, uma maneira efetiva de sensibilizar e formar novos observadores da realidade urbana.

3.3.1 Estrutura e organização

Atualmente, a equipe é composta por 12 pessoas, sendo 4 delas atuantes na área institucional e 8 em conteúdo. A lógica de horizontalidade, observada em seus primeiros anos de atuação, ainda é a forma de organização interna da *Periferia em Movimento*. As decisões editoriais e organizacionais são feitas de forma coletiva, mas levam em conta sempre a experiência dos colaboradores com maior tempo de atuação, não como mais importantes, mas como direcionadoras para o estabelecimento de consensos.

Até o início de outubro de 2024, no site da *Periferia em Movimento* constavam 14 editorias de reportagem: Contra o Genocídio; Cultura e Identidade; Democratização da Mídia; Educação; Esportes e Lazer; Gênero e Sexualidade; Meio Ambiente; Mobilidade; Moradia; Participação Política; Resistência Indígena; Saúde; Terceira Idade; Trabalho e Renda. Também há quatro editorias de opinião (Editoriais, Artigos, De lupa na arte, Ilustrações), e uma área dedicada a informes, notas e matérias sobre eventos sobre ou nas periferias, denominado *Anotaí*. Há ainda as séries especiais, que são voltadas para coberturas específicas e pautas mais “quentes”, e onde está alocada a sessão *Quebrada Decide*, focada na cobertura eleitoral, participação política de *sujeitas e sujeitos periféricos* e mobilizações políticas e sociais para demandas das periferias.

Outro destaque interessante na página do veículo é uma sessão inteiramente dedicada a reunir pesquisas e estudos acadêmicos que falam sobre ou contam com a contribuição da *Periferia em Movimento*. A *Biblioteca PEM*²⁰ lista esses materiais com um pequeno resumo, o formato do trabalho, o nome do autor ou autores, além de disponibilizá-los para *download*. Esse depósito também se liga a veia educativa que possuem e o interesse em levar os valores e vivências das periferias para dentro da academia, como uma forma de ocupação dos espaços. Até o último acesso, em outubro de 2024, 25 trabalhos estavam publicados na página.

3.4 Agência Mural

Nascido *Blog Mural*, hospedado no site do jornal Folha de S. Paulo²¹, foi o primeiro blog de notícias das periferias de São Paulo. Inicialmente, em 2010, contava com 20 correspondentes em diferentes áreas da cidade, que trabalhavam para noticiar fatos das periferias. Em 2015, passa a se chamar *Agência Mural de Jornalismo das Periferias* e ganha um site próprio, até que em 2018 torna-se oficialmente uma organização com equipe fixa. No ano de 2022, a parceria com a Folha se encerra e marca a independência da *Mural* como um veículo de comunicação periférico.

Desde então, sua estrutura possibilitou a participação de mais de 500 correspondentes, que se espalharam por diferentes regiões da Grande São Paulo,

²⁰ Disponível em <https://periferiaemmovimento.com.br/biblioteca-pem/>. Acesso em 07 out. 2024.

²¹ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/mural/>. Acesso em: 09 out. 2024.

os chamados *muralistas*. Atualmente, são 55 correspondentes, localizados nos municípios de Barueri, Cotia, Diadema, Embu das Artes, Embu Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Itapevi, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Poá, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Paulo, Suzano e Taboão da Serra. Na cidade de São Paulo, se encontram localizados em 31 diferentes distritos:

- Zona Norte (8): Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó, Jaçanã, Jaraguá, Perus, Pirituba, Vila Medeiros;
- Zona Oeste (2): Rio Pequeno, Raposo Tavares;
- Zona Leste (11): Cidade Líder, Cidade Tiradentes, Ermelino Matarazzo, Guaianazes, Iguatemi, Itaim Paulista, Itaquera, Jardim Helena, José Bonifácio, São Mateus, Vila Curuçá;
- Zona Sul (10): Campo Limpo, Capão Redondo, Cidade Ademar, Cidade Dutra, Grajaú, Jardim São Luís, Parelheiros, Pedreira, Sacomã, Vila Andrade;

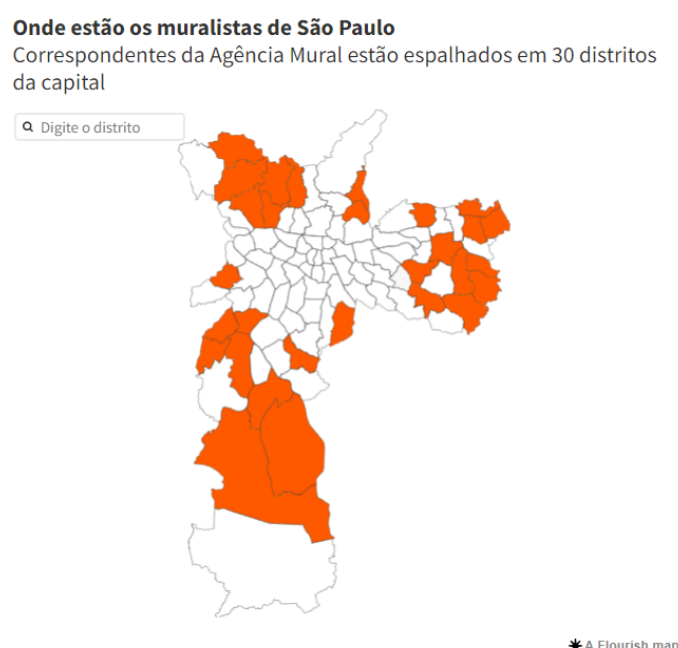


Figura 1 - Mapa dos distritos²² da cidade de São Paulo que contam com a presença de um correspondente da Agência Mural

²² Até o último acesso, em 09 out. 2024, alguns distritos não estavam indicados no mapa, apesar de terem correspondentes presentes na lista de colaboradores do site da Agência Mural. Disponível em <https://agenciamural.org.br/institucional/equipe/#correspondentes>.

É interessante também ressaltar os dados raciais disponibilizados no site da organização, onde consta que 56,5% dos muralistas se autodeclararam negros, e 55% são do gênero feminino. Há também uma predominância de jovens entre 18 e 29 anos (65%), mas é notável o percentual de 7% de correspondentes com mais de 45 anos, um aspecto diferente do que se observa em outros veículos do mesmo escopo. A equipe conta com 10 membros fixos da comunicação, que se distribuem em cargos de reportagem, redes sociais, institucional, edição, comunicação visual, e 5 membros gestores, que atuam de forma horizontalizada.

3.4.1 Estrutura organizacional, projetos e editorias

Assim como se observa em outros veículos de jornalismo periférico, a estrutura da organização tem caráter isonômico, que se estende para questões organizacionais e também editoriais. Há um diálogo constante entre os gestores e os colaboradores que atuam nos territórios, as reportagens são feitas a partir de sugestões da rede de correspondentes. No entanto, desde a formação de uma equipe fixa e a oficialização da *Mural* como uma organização independente, em 2018, criou-se a necessidade de uma divisão de funções mais evidente, que torna exclusivo o trabalho de captação e gestão de recursos a um grupo reduzido, composto atualmente pelos cargos de direção de tecnologia e negócios, direção institucional e diversidade, direção executiva, direção de treinamento e dados e direção de jornalismo. Isso se constituiu a partir da observação da jornada de trabalho dos membros que colaboraram no surgimento da organização. Alguns conseguiam se dedicar integralmente, enquanto outros, que também tinham outras ocupações, atuavam de forma mais pontual. Essa lógica não apenas se aplica para a equipe fixa, mas se estende aos muralistas, que passam por processo seletivo que identifica sua disponibilidade para contribuir, além de uma lógica rotacional, que pretende diversificar seu quadro e dar oportunidades a novos jornalistas em diferentes ciclos de produção.

Outro aspecto interessante que pode ser destacado é a ampla quantidade de projetos educativos, que se traduzem em formações para comunicadores, estudantes e para a população em geral. Grande parte aborda aspectos e técnicas do jornalismo local e periférico, com treinamento voltado para universitários e

profissionais de comunicação recém formados, que vivem na periferia. Essas ações estão aglutinadas no que foi batizado de *Clube Mural*, que inclui programa de correspondentes locais, oficinas de jornalismo local para ensino médio e universidades, formações sobre jornalismo para comunicadores periféricos em outros estados fora de SP. A existência desses projetos se liga a uma das características do jornalismo periférico que é o envolvimento da comunidade na produção jornalística, produzindo notícias que são sobre o território mas também para e com as pessoas que vivem nele.

Quanto à organização dos conteúdos da *Mural*, há 10 editorias, além de páginas especiais que arquivam reportagens em formato de vídeos e *webstories*. Os temas englobam assuntos de interesse na periferia, como pautas do cotidiano dos trabalhadores, eventos e manifestações culturais, especiais sobre territórios e populações periféricas etc. Eles estão distribuídos da seguinte forma: Sua quebrada (notícias sobre bairros e comunidades, separadas por localidade); Rolê (cultura); No corre (economia e empreendedorismo); Vale nota? (educação); Ponto a ponto (mobilidade e transporte público); Sobre-viver (saúde e meio ambiente); Democratize-se! (política, serviços públicos e direitos humanos); Pode crer (textos opinativos e crônicas); Últimas notícias (recém publicadas); Especiais (conteúdos mais aprofundados sobre especificidades das periferias). É notável o uso de terminologias populares para nomear as editoriais, como a gíria “Corre”, usada para designar o trabalho duro para conseguir melhores condições, a proatividade de um sujeito, ou “Rolê”, usada para falar sobre um programa ou evento. Essas escolhas do uso de palavras vão de encontro a uma das premissas do jornalismo periférico, que é a conexão com os moradores do território, através não só dos conteúdos, mas da linguagem comum a esses sujeitos (ROVIDA, 2018). Também pode ser enquadrada na proposta de valorização de uma nova linguagem como forma de resistência e emancipação, elaborada por Lélia Gonzalez (1984).

Na editoria Sua quebrada, é possível filtrar os conteúdos por zonas da capital paulista ou da região metropolitana. Lá se encontram as reportagens sobre temas específicos, porém identificadas e separadas por uma classificação territorial. Nesta divisão se observa a preocupação em personalizar as coberturas a partir de demandas específicas de cada região, que vai de encontro a ideia de pluralidade das periferias da capital paulista (D’ANDREA, 2020). Há um ineditismo da *Mural* em proporcionar uma experiência de usuário personalizada para os moradores das

periferias, que direciona seu acesso a conteúdos hiperlocais e, assim, cumpre com êxito sua função jornalística. A tentativa de ampliar a cobertura para todas as regiões da região metropolitana de São Paulo também pretende reverter o cenário de desertificação da notícia que se observa em muitas delas, que não contam com veículos comunitários criados dentro do próprio território. Portanto, a Mural assume como uma de suas missões estar presente na cobertura dos bairros, que se materializa na figura dos correspondentes.

3.4.2 Especial Sem Notícias - Caso de Pirapora do Bom Jesus

Pouco antes do período eleitoral das eleições municipais de 2024, a *Agência Mural* publicou o especial *Sem Notícias*²³ sobre o município de Pirapora do Bom Jesus, um dos municípios mais pobres da região metropolitana de São Paulo e hoje um deserto de notícias. Segundo apuração, os veículos que já funcionaram na cidade sempre estiveram ligados a partidos e grupos políticos, o que não caracteriza presença da imprensa. A reportagem foi produzida no formato multimídia, que mescla textos, fotos, infográficos, ilustrações em quadrinhos e vídeos. A investigação começou no ano de 2023, na tentativa de analisar os impactos da desertificação no cotidiano dos moradores, e também para monitorar as implicações políticas do apagão de notícias nesse período de eleições. A produção contou com o apoio do Pulitzer Center e da Meedan, ambas organizações sem fins lucrativos, que atuam nos ramos de jornalismo e educação, e da tecnologia para a informação, respectivamente.

Na reportagem, são listadas as principais fontes de informação na ausência de jornais: boca a boca, igrejas, carros de som, visitas a órgãos públicos – como secretarias e sessões da câmara municipal – e as redes sociais. No entanto, entende-se que os conteúdos veiculados por esses meios podem ser distorcidos. Alguns moradores acreditam que a existência de um veículo independente seria o antídoto para um ecossistema desinformativo, muitas vezes criado e fomentado por alguns grupos como ferramenta política. Em complemento a essa análise, a *Mural* oferece um passo a passo de como é possível se prevenir contra a desinformação,

²³ Disponível em <https://agenciamural.org.br/especiais/sem-noticias/?swcfpc=1>. Acesso em: 07 out. 2024.

o que atesta sua atuação como veículo periférico com foco no direito à informação das populações menos favorecidas (Rovida, 2020).

Segundo relatos de estudantes do EJA (Educação para Jovens e Adultos) da Escola Estadual Parque Payol, a ausência de notícias tem impactos diretos no cotidiano e no debate público. A partir de seus relatos, a Mural identificou que os assuntos ligados à política só chegam até eles através das redes sociais de políticos, geralmente vereadores, que moldam a informação de acordo com as narrativas que mais lhes servem, sobretudo em período eleitoral. Os moradores que participaram do debate dizem sentir falta de uma comunicação institucional qualificada vinda do poder público (prefeitura), mas principalmente de um intermediador, na figura de repórteres *in loco* e jornais online, que pudesse atuar como instrumento de denúncia de questões como moradia, violência, corrupção e infraestrutura da cidade. Uma linha do tempo organiza acontecimentos políticos, que expõe fatos como a alternância de mandatos da prefeitura entre os mesmos partidos e seus aliados, figuras políticas com ligações familiares e irregularidades eleitorais. A última informação, registrada em junho de 2024, traz o nome de dois pré-candidatos a prefeito: Gregório Maglio (MDB) e Raul Bueno (na época PTB, hoje do Republicanos), que foi eleito em 6 de outubro. A *Mural* conversou com o jornalista Leandro Daher do Jornal Anhanguera, periódico sobre política de Santana do Parnaíba, que relata o quanto são acirrados os pleitos eleitorais no município de Pirapora do Bom Jesus, e que a ausência de uma fonte de comunicação qualificada tem influência direta em seu futuro político.

A produção do especial *Sem Notícias* confirma a preocupação da Agência Mural, como veículo periférico, de preencher lacunas deixadas pelo jornalismo hegemônico, e de dar luz a questões pouco abordadas como os desertos de notícias em cidades mais pobres da Grande São Paulo. Há uma preocupação com a prestação de serviço informativo em locais que não contam com uma cobertura tradicional de suas demandas e acontecimentos. O diferencial deste veículo, e de outros que seguem a mesma proposta, se encontra na perspectiva indissociável do território, cujas narrativas só podem ser produzidas por comunicadores a partir de um pertencimento dos sujeitos representados e dos sujeitos produtores da notícia, que são os correspondentes.

“Essa vinculação com o espaço é geradora de identidade social e determina como os sujeitos sociais participarão da vida na cidade, na sociedade” (Rovida, 2018, p.5).

3.5 Nós, Mulheres da Periferia

O *Nós, Mulheres da Periferia* nasceu em em 2012, quando um grupo de mulheres periféricas publicou um artigo no jornal Folha de S. Paulo com grande repercussão, sobretudo devido ao eco entre outras mulheres, da mesma origem, que se sentiram representadas. Um site foi criado pelas coautoras, principalmente para registrar as atividades do até então coletivo, que, segundo o site do veículo, nasceu “com o intuito de contribuir para a construção de narrativas jornalísticas mais humanas e contextualizadas, dialogando com a tríplice raça, classe e território, tendo a periferia de São Paulo como contexto”. Em 2015, promoveram uma série de oficinas de debates em bairros periféricos da cidade, para escutar mulheres sobre sua percepção de como eram retratadas pelo jornalismo tradicional. O projeto chamava-se *Desconstruindo Estereótipos* e contou com a participação de mais de 100 mulheres, entre 17 e 92 anos. A partir dessa memória, é possível assumir que, desde o princípio, o *Nós* tem como uma de suas premissas fazer um jornalismo que ofereça uma alternativa na representação das mulheres periféricas na mídia, com a participação ativa delas.

A equipe é estruturada de forma horizontal e composta por oito pessoas na parte de gestão e quatro na de produção. É constituída totalmente por mulheres e, em sua maioria, negras. Esta também é uma característica que fundamenta a proposta alternativa das produções do *Nós*, não só por funcionar exclusivamente a partir da perspectiva de mulheres racializadas, mas por colocá-las em posições de poder, diferentemente do que se observa, historicamente, nas redações de grandes jornais. Também pretendem romper com uma lógica limitadora do jornalismo tradicional, que consiste em emissor (colonizador) X receptor (colonizado), no qual os emissores se consideram os detentores absolutos da informação e de seus meios de comunicação. Ao subverter essa lógica, colocando o grupo marginalizado como autor das narrativas, expõe que as opressões calcificadas na sociedade brasileira não estão apenas no conteúdo das produções, mas em sua racionalidade técnica (Silva; Aguiar, 2023, p.4). Além disso, são um veículo independente, que

funciona a partir de contribuições de leitores e de financiamentos esporádicos de organizações do terceiro setor e empresas.

3.5.1 Organização e produção

As produções do *Nós* se distribuem em cinco editorias no site: reportagem, que se subdivide em outras categorias, indicadas por *hashtags*; colunas, com textos e opinião produzidos por uma equipe fixa; dicas da semana, que destaca eventos nos bairros e produções culturais, como filmes, shows e exposições e arte que se relacionam com as identidades periféricas; histórias, textos sobre negritude, feminismo, perfis e histórias de personagens das periferias de São Paulo e suas vivências. É possível identificar que todas as produções têm ligação com a proposta do veículo, de trazer para o centro das produções jornalísticas questões que tocam, de formas diversas, mulheres negras e periféricas e suas muitas formas de existir.

“Diante do racismo estrutural e institucional, a mulher negra é periférica em qualquer endereço” (Manifesto, 2014).

Portanto, focam em diferentes aspectos, tanto na produção dos conteúdos como na organização do veículo, que se comprometem com um jornalismo alicerçado em questões interseccionais, e que levam em consideração a vivência sobreposta de gênero e classe. Em seu manifesto²⁴, fazem referência ao *Feminismo para os 99%* (ARRUZZA, BHATTACHARYA; FRASER, 2019) quando se identificam como representantes daquelas que se opõem ao 1% da população, que prevalece na manutenção das opressões históricas às quais estão submetidas. O uso do pronome pessoal “nós” como título da iniciativa é um grande indicador de sua proposta coletiva e participativa. Esse entendimento é que orienta, de forma absoluta, todas as produções jornalísticas do veículo.

Somos maioria. Somos minoria. Pobres, pretas, brancas, periféricas. Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena.
(...)
Somos Nós, mulheres da periferia! (Manifesto, 2021)

²⁴ Versão completa disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/>. Acesso em 17 out. 2024.

4 COBERTURA DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024

Com o objetivo de pesquisar os impactos cotidianos do jornalismo periférico nos territórios sob os quais atuam, este trabalho acompanhou a cobertura eleitoral feita por esses três veículos originários das periferias da cidade de São Paulo. A análise dos conteúdos publicados pelos veículos ligou as características deste tipo de produção aos destaques dados a determinados assuntos durante as eleições municipais de 2024.

4.1 Metodologia de análise das coberturas

A escolha dos objetos da pesquisa se deu a partir de 4 aspectos principais: 1) Terem surgido em regiões periféricas da cidade de São Paulo; 2) Serem iniciativas independentes e de caráter coletivo, mas de audiência significativa; 3) Contarem com cobertura eleitoral estruturada; 4) Clareza na iniciativa de realizar uma cobertura voltada para as periferias.

A partir dessa escolha, foram registrados todos os conteúdos jornalísticos relativos às eleições, publicados a partir do início do período eleitoral²⁵, no qual os candidatos e partidos iniciam oficialmente suas campanhas. Alguns dos conteúdos registrados, no entanto, foram publicados anteriormente a esse período e incluídos devido a sua relevância no planejamento das coberturas, ou por integrarem especiais de reportagem, voltado especificamente para as eleições. Foram registrados conteúdos em formato de texto – como reportagens, colunas e editoriais –, vídeos em formato de entrevistas com especialistas e “fala povo”, podcasts narrativos e também algumas reportagens multimídia, que combinaram elementos de texto, audiovisuais, gráficos e mapas. Não foram contabilizados conteúdos exclusivos de redes sociais. As produções foram separadas por veículo, e subdivididas em sete categorias principais, criadas a partir de análise qualitativa dos temas mais recorrentes e de maior destaque para o jornalismo periférico sobre as eleições:

- Análises e editoriais;
- Candidaturas periféricas e/ou de caráter identitário;

²⁵ Nas eleições municipais de 2024, o período eleitoral começou em 16 de agosto.

- Candidatos à prefeitura;
- Dados demográficos;
- Denúncias;
- Combate à desinformação;
- Informações técnicas sobre o pleito e cargos de vereador e prefeito.

A fim de identificar com maior precisão quais foram os temas mais abordados pelas iniciativas periféricas como um todo, também foram mapeados conteúdos de outros veículos de relevância na produção alternativa da capital paulista. Conteúdos do *Desenrola e Não Me Enrola*, *Alma Preta* e *Manda Notícias* reforçaram os temas escolhidos para subdividir as produções. Em números, esses conteúdos auxiliares correspondem a 29 registros, aproximadamente 23% do total. Importante destacar que esses se limitam somente ao período de 16 de agosto a 06 de outubro, não foram incluídos conteúdos relativos ao segundo turno.

Outro importante meio de análise dos conteúdos foram as entrevistas realizadas com representantes de cada um dos três veículos. Foram feitas pré-entrevistas, anteriores ao período eleitoral, para identificar quais eram os principais objetivos das coberturas, com a finalidade de estabelecer um comparativo, posteriormente, com aquilo que de fato foi produzido. Após o primeiro turno, entrevistas com dez perguntas centrais, que foram adaptadas às características de cada veículo, foram feitas aos representantes para analisar alguns aspectos como a dinâmica de produção neste período; atualizações nas técnicas em relação a coberturas eleitorais feitas em outros anos; influência das redes sociais e de novos espaços de debate para o jornalismo; desinformação; financiamentos e a periferia no centro dos debates.

4.2 Análise dos conteúdos mapeados

Ao todo, foram registrados 124 conteúdos jornalísticos com enfoque nas eleições municipais, sendo 95 deles de autoria das iniciativas estudadas – *Periferia em Movimento*, *Agência Mural* e *Nós, Mulheres da Periferia* – e 29 conteúdos de outros veículos. O registro mais recente de conteúdo ligado às eleições é de 28 de outubro, dia seguinte ao segundo turno para prefeito em São Paulo, e o mais antigo

de 30 de janeiro. A *Agência Mural* foi a iniciativa com maior número de publicações, seguido da *Periferia em Movimento* e *Nós, Mulheres da Periferia*.

Conteúdos jornalísticos por veículo

Quantidade de publicações relativas à cobertura eleitoral de 2024

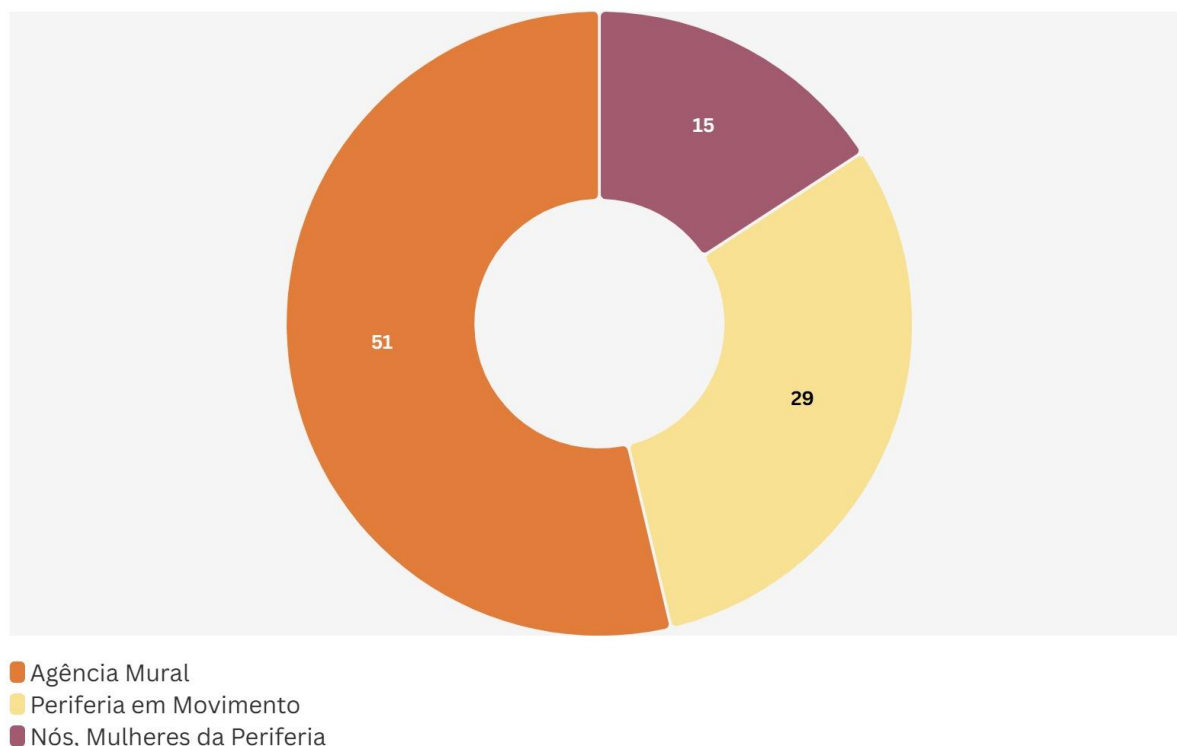


Figura 2 - Gráfico com a quantidade de conteúdos publicados sobre as eleições, divididos por veículo.

No que diz respeito aos temas, as análises e editoriais lideraram as coberturas, o que ressalta um importante aspecto do jornalismo periférico: a priorização de narrativas do próprio território. Essas escolhas se ligam ao valor noticioso da proximidade, que pauta grande parte da seleção de notícias de veículos deste tipo. A maioria das publicações aborda o uso político da periferia como estratégia de ganho de votos, entrevistas com moradores e análises dos próprios repórteres sobre acontecimentos relevantes durante o período eleitoral. Também trazem as principais reivindicações da população periférica para o centro do debate, e aquilo que esperam dos candidatos e candidatas a prefeitura e a câmara municipal. As matérias com informações técnicas sobre o pleito e sobre os cargos em disputa aparecem em segundo lugar. Elas abordam questões como datas, regularização de título eleitoral, quais são as funções de um prefeito e um vereador,

salários dos cargos na cidade de São Paulo, como funcionam os fundos eleitorais, como atuam os mesários, crimes eleitorais e funcionamento das urnas eletrônicas. Esses temas têm um aspecto utilitário, cuja finalidade é trazer informações para as pessoas nas periferias, sobretudo aquelas com menos escolaridade, jovens que votam pela primeira vez e aqueles que pertencem a grupos marginalizados. A produção de conteúdos como esses contribui para ampliar a participação política das populações periféricas, historicamente apartadas dos espaços de debate da cidade e da política institucional.

Conteúdos por tema

Quantidade de matérias registradas em cada categoria

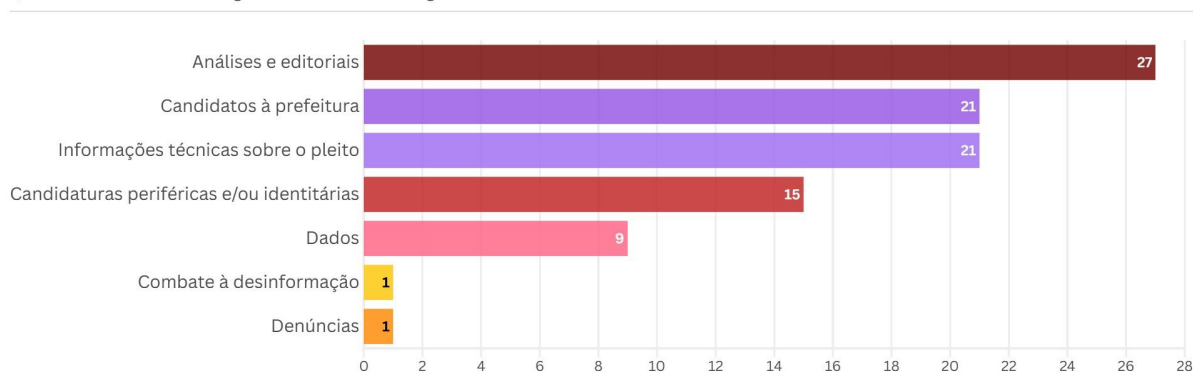


Figura 3 - Quantidade de conteúdos publicados por tema.

Outro aspecto a ser destacado nas coberturas é a ênfase em candidaturas periféricas ou de caráter identitário – que tem como bandeira de campanha o antirracismo, feminismo, os LGBTQIA +, etc. Apesar de estar posicionada em quarto lugar na lista de temas mais abordados na cobertura eleitoral dos veículos, representa um movimento claro de dar protagonismo à política feita para e pelos periféricos. Ao apresentar candidatos que vêm da periferia, por exemplo, o jornalismo facilita o contato da população com propostas de governo que se ligam diretamente às demandas de seus territórios. Algumas matérias procuram abordar temas como segurança pública, analisando exclusivamente opiniões de candidaturas periféricas, uma espécie de práxis emancipatória que traz a reflexão junto as *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, e promove um debate público que se constrói a partir dessa identidade, não apenas de seu entendimento externo. Outro exemplo é a reflexão sobre as mulheres negras na política, que aparece em matérias que não só apresentam figuras que vivem e representam essa pauta da negritude e do

feminismo dentro dos espaços da política institucional, mas convidam o espectador a questionar suas próprias ausências nesses espaços em razão de uma opressão histórica.

4.2.1 Cobertura eleitoral da Periferia em Movimento

A *Periferia em Movimento* publicou 29 conteúdos entre o início do ano de 2024 e o final do segundo turno para a prefeitura de São Paulo, no final de outubro. Em sua maioria, foram conteúdos em forma de reportagem, assinados pela redação e pelos repórteres fixos da equipe de produção de conteúdo do veículo. Segundo a Coordenadora cultural, Laís Diogo, representante da *Periferia em Movimento* entrevistada para esta pesquisa, não houve a contratação de novos colaboradores para auxiliar na cobertura. Também não contaram com nenhum financiamento especial neste período. Para a cobertura eleitoral, houve uma organização prévia no início do ano, um calendário de conteúdos principais que seriam publicados, que também considerava a possibilidade de adicionar pautas urgentes ou ligadas a algum acontecimento durante esse período de eleições. Diogo explica que a lógica empregada pela *Periferia em Movimento* foi “falar sobre eleições municipais, sobre vereadores. ‘O que precisamos levar para o público? Quais são as pautas?’ Essa reflexão foi feita no começo do ano, para que no meio do ano houvesse maior eficácia na produção e quando um assunto se tornava emergencial, nos debruçamos sobre isso”.

O foco da cobertura se manteve no mesmo público que a *Periferia em Movimento* visa atingir com todas as suas produções ao longo de seus anos de existência: mulheres entre 18 e 40 anos, racializadas e periféricas. “São as pessoas que, no nosso entendimento, estão nas periferias, que têm mais funções no território”, explica Diogo. O intuito da cobertura eleitoral, portanto, foi ressaltar pautas que se ligassem diretamente com as vivências dessas pessoas, “Sempre pensando no ponto de partida do quanto a política institucional impacta diretamente a vida nas periferias”. As candidaturas periféricas foram muito presentes nos conteúdos, abordadas em formato de textos e listas de nomes atuantes do movimento negro e indígena, mulheres periféricas e candidatos e candidatas que falavam sobre segurança pública. Esse movimento de destacar figuras políticas e

pautas que impactam diretamente o território foram orientadas pelo valor noticioso da proximidade, somado a uma proposição mais analítica das demandas dos bairros. A *Periferia em Movimento* entende que destacar nomes de candidatos, por exemplo, é dar uma visibilidade qualificada as propostas que se conectam com as vivências nas periferias de São Paulo, que propõem algum tipo de mudança de forma mais explícita e instigam maior participação política por meio da representatividade. Essa é uma das manifestações do papel emancipatório e do caráter popular do jornalismo periférico, observadas nessa cobertura.

Acompanhar os candidatos a prefeito também foi uma pauta frequente, com a finalidade de chamar a atenção para alguns aspectos das campanhas. Sobretudo entre os jovens, influenciados por figuras da internet, se observou um maior interesse sobre o pleito, e a cobertura profissional das propostas, planos de governo e das agendas de cada candidato representam uma função fundamental do jornalismo de informar, de forma qualificada, esse grupo. Segundo Diogo, o foco maior da cobertura das campanhas se voltou para os candidatos que se demonstraram mais ativos nas redes sociais durante a disputa, que foram capazes de cooptar uma parcela grande da população periférica através da internet. Um ponto ressaltado nas produções foi o uso da periferia como um instrumento de engajamento eleitoral, cuja motivação é o papel decisivo das periferias no número de votos. Os jovens²⁶ entre 16 e 24 anos representam aproximadamente 1 milhão dos eleitores da cidade de São Paulo, de acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral, e estão concentrados nos bairros periféricos. Portanto, se tornaram o principal alvo de cooptação pelos candidatos em 2024. “A periferia está em pauta e os candidatos sabem que é pelas periferias que podem ganhar. Alguns conseguiram, através das redes sociais, as artimanhas para acessar o povo”, analisa Diogo. Esse fenômeno foi explorado pela *Periferia em Movimento* em diferentes formatos, e tomaram como ponto de partida da discussão a apropriação de elementos culturais da periferia para chamar a atenção da população, como o funk. Da mesma forma que ocorreu com o *hip hop* nos anos 1980, a cultura do funk se encontrava à margem do debate político, até ser entendida como um instrumento de campanha com grande retorno.

²⁶ Disponível em: <https://agenciamural.org.br/jovens-eleitores-em-sao-paulo/>. Acesso em 08 nov. 2024.

A cobertura dessa temática ocorreu através de textos opinativos e de cobertura da roda de saberes *Política, comunicação e desinformação*²⁷, promovida pelo veículo no final de semana que antecedeu o primeiro turno. O objetivo foi analisar, junto de agentes culturais e moradores das periferias, de que forma essa apropriação afetou a disputa eleitoral. Houve um destaque para o candidato Pablo Marçal (PRTB), que através desse discurso, combinado a uma ideologia de prosperidade individual sustentada no neoliberalismo, foi capaz de mobilizar grande parte dos jovens periféricos. Em campanha, ele chegou a frequentar comunidades como Heliópolis, na Zona Sul, fazendo uso de elementos da cultura do funk como óculos 'juliete'. A promoção dessa caracterização, somada a um discurso de prosperidade que preenche as lacunas deixadas pela precarização do trabalho dos mais pobres, foi a estratégia utilizada para obter grande alcance nas redes sociais, que tinha como principal alvo a periferia. Esse movimento foi estudado nas coberturas feitas pela *Periferia em Movimento*, bem como por outros veículos com a mesma proposta, para relacionar um fenômeno particular desta eleição à realidade da população periférica todos os dias.

Cobertura eleitoral Periferia em Movimento

Conteúdos publicados em números

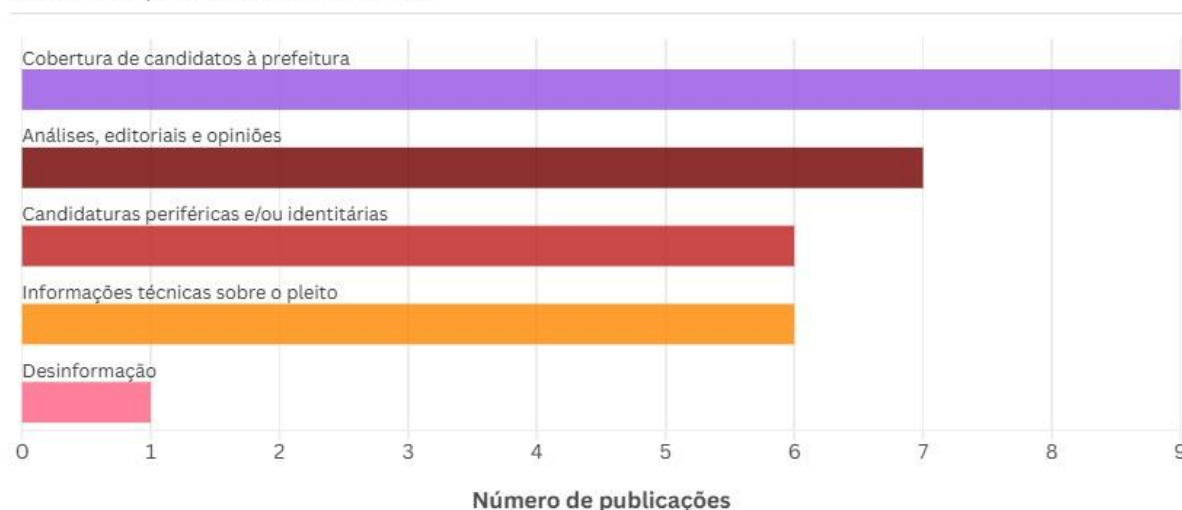


Figura 4 - Temas abordados pela cobertura eleitoral da Periferia em Movimento em números.

²⁷ Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/anotai26082024rodadesaberes/>. Acesso em 08 nov. 2024.

4.2.2 Cobertura eleitoral da Agência Mural

A cobertura eleitoral feita pela *Agência Mural* começou muito antes do período eleitoral, com matérias publicadas desde janeiro de 2024, que eram parte de projetos especiais voltados para as eleições. Para auxiliar neste trabalho, a iniciativa recebeu financiamento de organizações do terceiro setor: o Pulitzer Center e a Meedan, cujos recursos foram destinados à produção do especial *Sem notícias* sobre o município de Pirapora do Bom Jesus, e a Fundação Tide Setúbal, para a série *Juventudes periféricas e a política*. Ambos os projetos integram o planejamento da cobertura eleitoral da *Mural* e expressam bem os principais objetivos: atingir as populações que vivem em desertos de notícias e focar no público alvo mais jovem. As produções foram fruto do trabalho da equipe fixa e dos correspondentes atuais da *Mural*, que estão em muitos bairros da capital paulista, o que facilitou a cobertura hiperlocal.

Ao todo, foram 51 publicações, em sua maioria no formato de texto, mas com considerável número de reportagens multimídia. Entre as categorias, os textos opinativos – análises e editoriais – predominaram, seguidos de informações técnicas sobre a votação, cargos de prefeito e vereador e como funciona o pleito, como um todo. Segundo o cofundador da *Agência Mural*, Paulo Talarico, atualmente diretor de treinamento e dados, um dos grandes objetivos da cobertura foi assumir um papel de jornalismo de serviço para a população. “Nossa missão era conseguir que as pessoas tivessem as informações sobre a votação, para que pudessem votar tranquilamente e fazer suas escolhas”, explicou. Talarico defende que é preciso que o jornalismo se volte para as necessidades do público, e que muitas vezes é necessário ouvir para selecionar as notícias, “acabamos priorizando um olhar do que nós achamos importante [de ser noticiado] mas também precisamos trazer as respostas que as pessoas estão procurando”. Essa característica é interessante pois dialoga diretamente com a maleabilidade dos critérios noticiosos quando se trata do jornalismo alternativo e comunitário, que tem como premissa a participação das pessoas para constituir sua linha editorial. A cobertura da *Agência Mural* levou em consideração as demandas das populações nas periferias para nortear as informações relevantes a serem veiculadas. O diálogo com as juventudes periféricas também teve destaque entre as produções, trazendo matérias voltadas para os novos eleitores e, assim, incentivando a participação política de forma qualificada. A

incorporação desse papel às funções do veículo conferiram a *Mural* um aspecto educativo, que se observa em outras iniciativas de jornalismo periférico.

A *Mural* realiza coberturas eleitorais desde 2012 e, nas eleições de 2024, fez uso de recursos para inovar alguns aspectos deste trabalho. Um dos destaques foi a criação de textos automatizados, com auxílio de Inteligência Artificial, que traziam informações sobre número de candidaturas nos municípios e sobre o perfil do eleitorado. Como realizam coberturas que se estendem para outros municípios da Grande São Paulo, essa automatização permitiu que a informação chegasse às pessoas que residem em desertos de notícias, e colaborou para preencher essa lacuna noticiosa dos territórios. A publicação de matérias sobre candidaturas periféricas e identitárias foi menos expressiva que nos outros veículos analisados, e essa preterição pode estar relacionada com a maior abrangência geográfica da cobertura em relação às demais iniciativas. Outra importante inovação foi a cobertura ao vivo dos resultados das eleições, feitas no primeiro e no segundo turno, que publicou em tempo real o número de votos, eleitos e vencedores por região.

Todas as publicações foram concentradas na editoria *Democratize-se*, que funciona integralmente para reunir pautas ligadas à participação política nas periferias, não apenas em período eleitoral. Para destacar os conteúdos sobre o pleito de 2024, as matérias foram publicadas com a *hashtag* “Eleições 2024”, que tornou o conteúdo mais acessível e de fácil localização.

Cobertura eleitoral Agência Mural

Conteúdos publicados em números

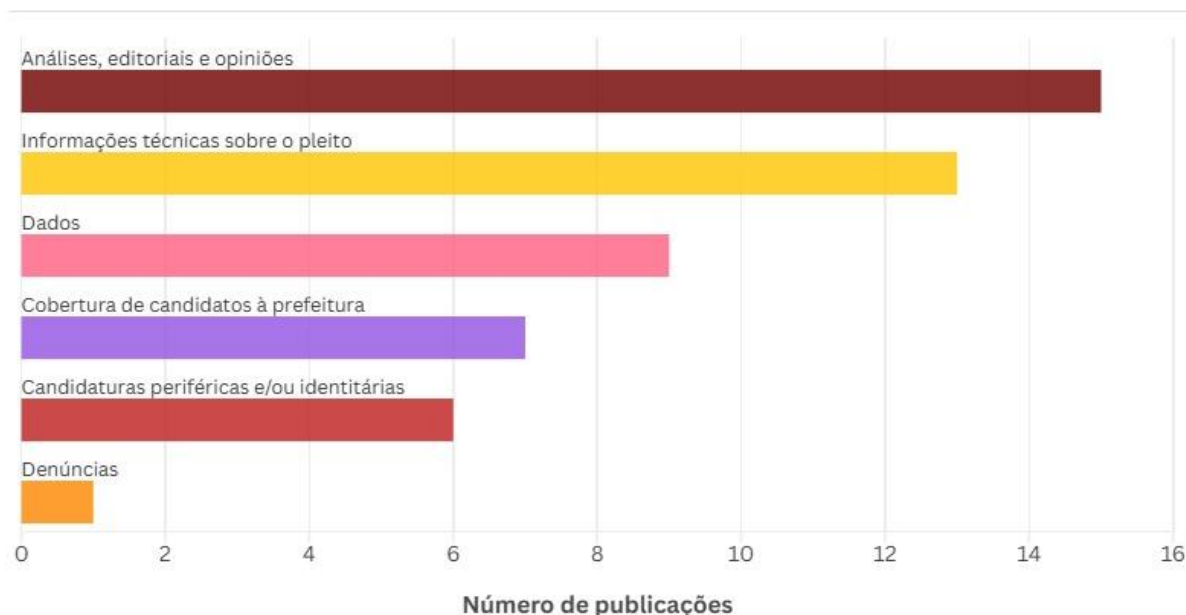


Figura 5 - Temas abordados pela cobertura eleitoral da Agência Mural em números.

4.2.3 Cobertura eleitoral do Nós, Mulheres da Periferia

A cobertura eleitoral feita pelo *Nós, Mulheres da Periferia* contou com 15 produções, em sua maioria no formato de reportagens em texto, e três episódios do podcast *Nós, prefeitas*. O podcast narra a trajetória de mulheres que já estiveram no mais alto cargo executivo municipal ao longo da história, e de que forma suas atuações influenciaram a presença das mulheres na política institucional na atualidade. Segundo as categorias propostas por esta pesquisa, o tipo de produção mais recorrente foram textos de caráter opinativo ou analítico, que tinham como finalidade propor reflexões sobre o contraste entre o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade e sua representação na prefeitura e câmara municipal de São Paulo. Uma das reportagens, intitulada “*Só voto em mulher*”...*Mas qual mulher?*, promove um debate sobre as representatividades femininas vazias que podem atrair as mulheres periféricas, uma falsa representatividade de gênero que não vêm acompanhada de propostas concretas para agir sobre sua realidade, nem levam em consideração a sobreposição de opressões vividas pelas mulheres. Pode-se dizer que é uma manifestação do caráter emancipatório deste tipo de

jornalismo, que se propõe a trazer a reflexão para os territórios sobre a sua própria vivência e como suas reivindicações e lutas podem ser apropriadas como estratégias eleitorais.

Em comparação aos outros veículos analisados, a produção foi menos expressiva, o que se deve ao compromisso com as pautas que se relacionam com a realidade de mulheres periféricas e racializadas. O aspecto interseccional e representativo dos conteúdos limita, em quantidade, os interesses de cobertura do veículo. No entanto, ainda é possível afirmar que o critério prioritário para a seleção dos fatos a serem noticiados é a proximidade, por possuírem caráter local, ligado necessariamente ao território. As pautas são sempre voltadas para a periferia, mesmo quando abordam questões mais abrangentes como as agendas de campanha, as propostas e falas de candidatos à prefeitura. Há um destaque especial para a candidata Tábata Amaral (PSB), uma das duas²⁸ candidaturas femininas à prefeitura. Ela se identifica como uma mulher periférica, originária da Vila Missionária, na Zona Sul de São Paulo, e por isso tem maior atenção numa cobertura eleitoral que se propõe a cobrir assuntos que se conectam com esse grupo. A cobertura foi feita a partir de análise distanciada de seu plano de governo, apresentada em sabatina. Outro destaque são as produções que listam candidatas a vereança de origem periférica. Assim como se observou na cobertura feita pela *Periferia em Movimento*, o *Nós* se coloca como um facilitador do acesso à informação sobre candidaturas que tem como proposta principal a atuação nas periferias da cidade.

²⁸ As únicas candidatas mulheres à prefeitura de São Paulo em 2024 foram Tábata Amaral (PSB) e Marina Helena (NOVO).

Cobertura eleitoral Nós, Mulheres da Periferia

Conteúdos publicados em números

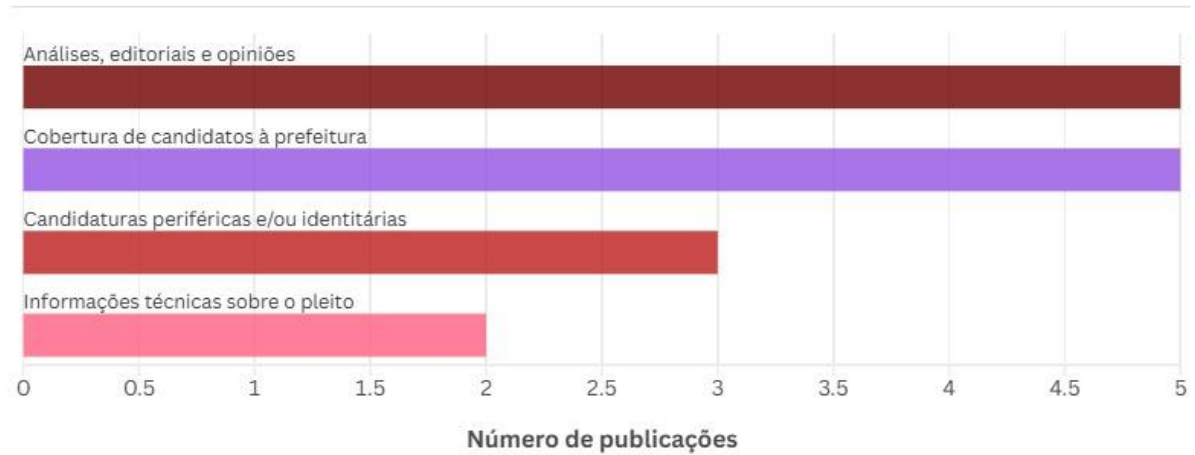


Figura 6 - Temas abordados pela cobertura eleitoral do Nós, Mulheres da Periferia em números.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções voltadas para a cobertura eleitoral feitas pelos veículos periféricos se demonstraram uma rica fonte de análise para observar de que forma são empregados os valores-notícia neste tipo de jornalismo. Observou-se, a partir de pesquisa de caráter qualitativo, que os conteúdos têm uma relação indispensável com os territórios, e se ligam às múltiplas identidades periféricas dos sujeitos e sujeitas que habitam os bairros de São Paulo. Pode-se dizer que a proximidade e a relevância são os valores eleitos para orientar aquilo que é de interesse público em nível hiperlocal, que recorta com mais afinco as pautas que já são, necessariamente, de menor alcance, em sua maioria limitadas aos municípios.

A partir da análise das produções também é possível mapear as características compartilhadas pela *Agência Mural*, *Periferia em Movimento* e pelo *Nós, Mulheres da Periferia* que os enquadram como veículos periféricos, e assim definir este conceito de forma empírica. Os três objetos apresentam conteúdos produzidos por repórteres das periferias, que realizam uma cobertura a partir de suas próprias territorialidades. Esses agentes são considerados *sujeitas e sujeitos periféricos* pois seu trabalho jornalístico é uma forma de engajamento com as questões locais, e promove debates sobre as questões socioculturais presentes nestes espaços. Ao fazê-lo, eles subvertem uma lógica produtiva do jornalismo tradicional, que se sustenta na relação de subalternidade entre o emissor e o receptor da informação. Ao assumirem a função de emissor, os repórteres periféricos se apropriam das suas próprias narrativas e desmontam a relação hierarquizada entre quem informa e quem é informado. Pode-se dizer que essa nova relação, expressa também em seu formato organizacional horizontalizado, caracteriza todas essas produções como alternativas.

Há outras características dos veículos observados pela pesquisa que são evidências de seu caráter comunitário e popular, sobretudo ao envolver a população no processo de narrar suas próprias histórias, através de fatos que se ligam às suas condições sociais. A relação com o espaço, o povo como protagonista da notícia e como parte de sua produção são algumas dessas características, construídas pelos repórteres sem a necessidade de um intermediador externo. Esse aspecto também lhes confere um papel como *práxis* cultural emancipatória, em concordância às

ideias de Paulo Freire do que seria a libertação dos grupos oprimidos. A conscientização sobre sua própria realidade exige a participação ativa desses sujeitos para que, de forma independente, sejam capazes de alterar sua realidade. Dessa forma, ao priorizar reflexões sobre a realidade das periferias, o jornalismo periférico age como meio de emancipação para as opressões históricas presentes nos territórios. Entre os conteúdos publicados durante o período eleitoral, pode-se indicar como emancipatórios aqueles que propuseram reflexões sobre o espaço de grupos minorizados na política institucional, e sugerir formas possíveis de alterar esse cenário. Ao apresentar candidatos periféricos que podem promover a mudança a partir de outro ponto de vista, por exemplo, o jornalismo sugere que haja maior participação desses grupos em torno de eleger representantes capazes de promover a mudança dentro das estruturas do Estado. Uma reflexão também presente nas coberturas foi o uso da identidade periférica como estratégia de campanha por alguns candidatos, sobretudo os que disputaram a prefeitura. As análises apontavam que a busca por essa identificação não necessariamente vinha acompanhada de propostas concretas para atender as demandas dos bairros. No pleito de 2024, os candidatos e partidos projetaram nas populações periféricas um eleitorado massivo e com grande potencial definidor dos resultados eleitorais, e o interesse partia, principalmente, deste lugar. Ao analisar de forma minuciosa as propostas dos candidatos, o jornalismo periférico tornou mais acessíveis as informações sobre os quadros que, de fato, tinham interesse em trabalhar para as periferias. Essa produção incentiva as escolhas democráticas influenciadas por uma motivação política transparente, que se demonstra importante para maior participação política de grupos historicamente apartados deste debate.

O princípio hiperlocal das produções também atuam sobre outra questão: as regiões que carecem de cobertura jornalística qualificada, classificadas como desertos de notícias. Mesmo dentro do município com maior número de veículos jornalísticos do estado, muitos bairros e regiões de São Paulo ainda se encontram em zonas cinzentas, ignoradas pelas coberturas do jornalismo hegemônico. Sobretudo durante um ano eleitoral, há implicações políticas na ausência de uma cobertura sobre determinado território, que limita o alcance das informações essenciais para que a população local exerça sua cidadania. A ausência do jornalismo é também a ausência da fiscalização do poder público, cujas ações, se veiculadas, impactam diretamente as escolhas de voto. A atuação do jornalismo

periférico é fundamental para preencher essas lacunas ao se debruçar sobre questões locais específicas, mas que muitas vezes também tem eco em outras regiões. Portanto, essa produção específica voltada para as periferias, orientada pela proximidade dos fatos, dá atenção para um espaço geográfico específico, mas se expande para outros cantos da cidade, através da proximidade cultural compartilhada. Dessa forma, o jornalismo periférico como um facilitador do exercício da democracia tem um perfil característico, que busca colocar a periferia no centro das coberturas, sem a estigmatização usual do jornalismo tradicional, e com a preocupação de priorizar as histórias daqueles que são capazes de debater e promover a mudança em seus próprios territórios, através da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, nov. 2019. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242019000300041. Acesso em: 24 set. 2024.

ALENCAR, Edson Rildo Penha de. Mortes violentas na cidade de São Paulo na década de noventa: os números da violência da criminalidade na América Latina e Caribe nos anos 90. 2001. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALVES, Isabela; TALARICO, Paulo. Jovens eleitores em São Paulo: desafios e expectativas nas urnas. **Agência Mural**, 20 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciamural.org.br/jovens-eleitores-em-sao-paulo/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso)*, v. 2, p. 89-117, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 5 nov. 2024.

BELLO, Luiz. *Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas*. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agência IBGE de Notícias**, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BORGES, Thiago. *Extrema-direita surfa em falta de perspectivas para tentar atrair juventude por meio do funk*. **Periferia em Movimento**, 02 out. 2024, São Paulo.

Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/4rodadesaberes02102024/>>.
Acesso em: 8 nov. 2024.

BORDIEU, P. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CASTELLS, Manuel. *A era da intercomunicação*. **Le Monde Diplomatique**, 01 ago. 2006. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-era-da-intercomunicacao/>>.
Acesso em: 11 abr. 2024.

DA SILVA COUTINHO, Iluska Maria; FRANCO DOS SANTOS MARTINS, Cézar; VIRGÍNIA MOREIRA, Sônia. Desertos de notícias na produção científica brasileira: origem do conceito, contextos e aplicações no Brasil. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, São Cristovão, v. 24, n. 2, p. 65–79, 2022. DOI: 10.54786/revista eptic.v24i2.15744. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/eptic/article/view/15744>. Acesso em: 06 nov. 2024

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. Contribuições para a definição dos conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan. 2020.

DINIZ, Augusto. *Por que grandes produtoras do funk paulista apoiam Pablo Marçal?* **CartaCapital**, 26 ago. 2024, São Paulo. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/por-que-grandes-produtoras-do-funk-paulista-apoiam-pablo-marcal/>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DIOGO, Laís. *Como candidaturas políticas usam segurança pública para desinformar e se apropriam do funk para se aproximar de periferias?*. **Periferia em Movimento**, 26 ago. 2024, São Paulo. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/anotai26082024rodadesaberes/>>. Acesso em: 8 nov. 2024.

Equipe: Correspondentes. **AGÊNCIA MURAL.** Disponível em: <<https://agenciamural.org.br/institucional/equipe/#correspondentes>>. Acesso em: 9 out. 2024.

FERREIRA, Artur; SILVA, Jacqueline Maria da; FERNANDES, Sarah. *Sem notícias.* **Agência Mural**, 04 jun. 2024, São Paulo. Disponível em: <<https://agenciamural.org.br/especiais/sem-noticias/?swcfpc=1>>. Acesso em: 07 out. 2024.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R.; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil.* São Paulo: Paulinas, 1986.

Fortalece. **PERIFERIA EM MOVIMENTO.** Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/fortalece>>. Acesso em: 08 out. 2024.

GILLMOR, D. *Nós, os media.* Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GLÓRIA, Rafael. *Como os veículos nativos digitais estão fazendo diferença no jornalismo brasileiro.* **IJNET - International Journalism Network**, 26 set. 2021. Disponível em: <<https://ijnet.org/pt-br/story/como-os-ve%C3%ADculos-nativos-digitais-est%C3%A3o-fazendo-diferen%C3%A7a-no-jornalismo-brasileiro%C2%A0-0>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

GUEDES, Davi. *Jornalismo de território é alternativa para combater desertos de notícia.* **G20 Brasil**, 18 set. 2024. Disponível em: <<https://www.g20.org/pt-br/noticias/jornalismo-de-territorio-e-alternativa-para-combat-er-desertos-de-noticia>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

JESUS, Elisangela Gonçalves de. Mulheres, raça e classe: a proposta interseccional de Angela Davis. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 47, p. 229–231, 2022. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i47p229-231. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/196652>. Acesso em: 4 nov. 2024.

LEMONS, C. E. B.; PEREIRA, R. M. Jornalismo hiperlocal no contexto multimídia: um relato da experiência do jornal-laboratório Contramão Online. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0588-1.pdf>.

Acesso em: 25 out. 2024.

Levantamento Atlas da Notícia v.06. 2024. **ATLAS DA NOTÍCIA**. Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/e/2PACX-1vQFAhPLu4ib6fic3pvGxexr2FleCLY_ax-Ukqjz58AzM7PUHXcUyhzVCSGryRDg2P1AfzSPwbYrQWUu/pub?start=false&loop=false&delayms=3000&ref=atlas.jor.br&slide=id.p34>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LLEDÓ, Maria Julia. *Notícias sem fronteiras: jornalismo hiperlocal e os impactos nos territórios*. **Revista E - SESC SP**, 28 fev. 2023, São Paulo. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/noticias-sem-fronteiras-jornalismo-hiperlocal-e-os-impactos-nos-territorios/>>. Acesso em: 19 set. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1998.

MARTINI, Mara Roviada. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 50-65, 2018. DOI: 10.11606/extraprensa2018.149085. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085>. Acesso em: 23 out. 2024.

METZGAR, E. T.; KURPIUS, D. D.; ROWLEY, K. M. Defining hyperlocal media: proposing a framework for discussion. *New Media & Society*, v. 13, n. 5, p. 772-787, 2011. DOI: 10.1177/1461444810385095. Acesso em: 25 out. 2024.

MIRANDA, G. V.; MAGNONI, A. F. Mídias digitais, arenas públicas e internet: as possibilidades do jornalismo em cenários de hiperlocalidade. *Revista Panorama - Revista de Comunicação Social*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 6-11, 2018. DOI: 10.18224/pan.v8i1.6396. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/6396>. Acesso em: 23 out. 2024.

NONATO, Cláudia. Diversidade nas pautas jornalísticas: o caso das periferias paulistanas. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 183–198, 2020. DOI: 10.11606/extraprensa2020.153455. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153455>. Acesso em: 5 nov. 2024.

_____. O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2018, Joinville, SC. Anais... Santa Catarina: Univille, 2018.

Nosso manifesto. 2024. **PERIFERIA EM MOVIMENTO**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDNvBBHq7XU&t=4s>. Acesso em: 07 out. 2024.

OLIVEIRA, A.C.A. Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. *Revista Territórios: Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco*, Caruaru, n. 10, p. 90-104, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/territorios/article/view/244895>. Acesso em: 4 nov. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire. 2014. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.usp.br>. Acesso em: 23 out. 2024.

PATRÍCIO, E. Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 22, n. 42, 2023. DOI: 10.55738/alaic.v22i42.981. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/981>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PERUZZO, Cicilia. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *Intercom UnB*, 2006.

Quebrada decide. **PERIFERIA EM MOVIMENTO**. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/categoria/projetos-especiais/series/quebrada-decide/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Redação PEM. *Pesquisa apresenta o mapa do jornalismo nas periferias de São Paulo*. **PERIFERIA EM MOVIMENTO**, 22 ago. 2019, São Paulo. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/pesquisa-apresenta-o-mapa-do-jornalismo-na-s-periferias-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 set. 2024.

ROLNIK, Raquel. *O que é periferia? Entrevista para a edição de junho da revista Continuum Itaú Cultural*. **Blog da Raquel Rolnik**, 14 jun. 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaui-cultural/>>. Acesso em: 25 set. 2024.

ROVIDA, Mara. *Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

_____. *Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo*. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e37004, 2020. DOI: 10.15448/1980-3729.2020.1.37004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/37004>. Acesso em: 22 out. 2024.

SANTANA, Jamile. *Combate à desinformação é o caminho contra os desertos de notícias sobre eleições municipais*. **Farol Jornalismo**, 10 dez. 2023. Disponível em: <<https://faroljornalismo.substack.com/p/combate-a-desinformacao-e-o-caminho>>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SANTOS, Caroline Pasternack Pereira dos. O custo da notícia: as relações de trabalho e estabilidade financeira dos coletivos de jornalismo da periferia de São Paulo. *Revista Alterjor*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 39-58, 2021. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v23i1p39-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/176824>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SINGER, André. *Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Sobre. **PONTE**. Disponível em: <<https://ponte.org/sobre/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

Sobre o Atlas da Notícia. **ATLAS DA NOTÍCIA**. Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/institucional/sobre-o-atlas-da-noticia/>>. Acesso em: 04 set. 2024.

SOUZA AGUIAR, C. E.; MELO DA SILVA, D. K. Jornalismo decolonial e a questão da interseccionalidade. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, v. 10, n. 1, 2023. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.10.21894. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21894>. Acesso em: 5 nov. 2024.

TÁVORA, Regina. Desafiando a desertificação da mídia: o jornalismo hiperlocal como instrumento de aproximação informativa em contraste aos desertos de notícia na Região Administrativa de Bauru, interior de São Paulo. *UNESP FAAC*, 2021.

TALARICO, Paulo. *Descubra se você vive em um deserto de notícias*. **Agência Mural**, 04 jun. 2024. Disponível em: <<https://agenciamural.org.br/descubra-se-voce-vive-em-um-deserto-de-noticias/>>. Acesso em: 07 out. 2024.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WEINGRILL, Nina. *O jornalismo local de 2020 vai ser construído com as pessoas ou não será*. **Farol Jornalismo**, 29 dez. 2019, São Paulo. Disponível em: <<https://medium.com/o-jornalismo-no-brasil-em-2020/o-jornalismo-local-de-2020-vai-ser-constru%C3%ADdo-com-as-pessoas-ou-n%C3%A3o-ser%C3%A1-4a8dc4602439>>. Acesso em: 08 jul. 2024.